



FCDEF FACULDADE DE CIÊNCIAS DO
DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física
Universidade de Coimbra

RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO

Luís Filipe da Costa Albuquerque Moreira Santos

Nº 2006013858

2011

Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física
Universidade de Coimbra

RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO

Luís Filipe Da Costa Albuquerque Moreira Santos

2011

Relatório final de Estágio Pedagógico apresentado à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra para obtenção do grau Mestre em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário, realizado sob a orientação da Professora Elsa Silva da FCDEF-UC e co-orientação do Professor Fernando Leite do Agrupamento de Escolas de Oliveirinha - Aveiro

Esta obra deve ser citada como: Santos, L.F. (2011). *Relatório final de estágio pedagógico*. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal

AGRADECIMENTOS

As experiências que vivi durante o Estágio Pedagógico e nas etapas que o precederam, no desenvolvimento da minha formação académica, ficarão para sempre gravadas na minha memória graças à intensidade com que as vivi e partilhei com quem me é e será sempre muito importante. Quero assim expressar os meus sinceros agradecimentos às pessoas com quem partilhei estas experiências e às instituições que me as proporcionaram.

À Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra que me formou no plano pessoal e profissional.

À Escola Básica Castro Matoso, na qual tive oportunidade de realizar o Estágio Pedagógico, que carinhosamente me acolheu e proporcionou todas as condições para desenvolver o estágio.

À professora Elsa Silva, pela sua orientação e supervisão no Estágio Pedagógico.

Ao professor Fernando Leite, pela sua orientação, supervisão e inextinguível disponibilidade para me ajudar, motivar e transmitir os seus ensinamentos.

Aos meus colegas de estágio, Edgar Moreto e Diogo Assunção, pela cooperação, ajuda e companheirismo que demonstraram e que hoje nos tornam amigos.

Aos meus colegas de curso, alguns dos quais meus amigos, com quem tive oportunidade de viver experiências inesquecíveis.

A todos os meus amigos, dos quais pretendo destacar a Vanessa Lucas, pelo afecto, encorajamento e apoio constantes ao longo deste percurso.

À minha família, sem a qual nada disto seria possível, dos quais destaco os meus avós paternos, José Ferreira e Maria Idília, os meus pais, Maria Fernanda Reis e Luís Filipe Santos e irmãos Flávio Rui Santos e Leandro Almeida, para os quais não encontro palavras para expressar o que sinto.

*"Ninguém é tão grande que não possa aprender,
nem tão pequeno que não possa ensinar."*

Píndaro, poeta grego

(518 aC-0438 AC)

RESUMO

O presente relatório de estágio surge no âmbito da unidade curricular Estágio Pedagógico, integrada no plano de estudos do 2ºano do Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, no ano lectivo de 2010/2011.

O Estágio Pedagógico visa a profissionalização de novos docentes através de um processo de prática profissional real e autónoma, embora orientada e supervisionada, com a duração de um ano lectivo. Com a sua implementação, pretende formar profissionais de Educação Física autónomos, reflexivos, eticamente responsáveis, competentes e cientificamente preparados para ensinar a sua matéria de ensino.

Este relatório, assumindo-se como a etapa conclusiva do Estágio Pedagógico, foi por mim elaborado como propósito descrever fielmente as actividades que tive oportunidade de realizar durante este ano lectivo enquanto professor de Educação Física e tecer algumas considerações assentes no desenvolvimento profissional e pessoal que esta experiência me proporcionou. A dimensão descritiva deste documento incidirá essencialmente nas actividades desenvolvidas no âmbito do planeamento, realização e avaliação da minha intervenção pedagógica, bem como a minha atitude ético-profissional ao longo do ano lectivo. Na dimensão reflexiva deste relatório serão abordadas, entre outros temas, a minha aprendizagem, as dificuldades que senti e como as ultrapassei durante o estágio. As conclusões referentes à minha formação inicial complementarão estas duas dimensões.

Apresentadas linhas gerais deste relatório de estágio, afigura-se importante referir que decidi atribuir-lhe uma configuração que pudesse expor com clareza e coerência o seu conteúdo.

Palavras-chave: Educação Física. Estágio Pedagógico. Prática Profissional Autónoma. Formação Inicial. Aprendizagem. Ética Profissional

ABSTRACT

The present internship report arises in the ambit of course unit In-service Education, integrated in the study programme of the second year of the Master in Teaching of Physical Education at Basic and Secondary Level of Faculty of Sport Science and Physical Education of the University of Coimbra, in the 2010/2011 academic year.

The In-service Education aims the professionalization of new teachers through a process of real and autonomous professional practice, although guided and supervised, with one school year duration. With its implementation, intends to train autonomous, reflective, ethically responsible, competent and scientifically prepared professionals of Physical Education, to teach their education content.

This report, assuming as the conclusive fase of In-service Education, was elaborated as a way for me do describe accurately the activities that i was able to accomplish during this academic year, as a Physical Education teacher, and make some considerations based on the professional and personal development that this experience gave me. The descriptive dimension of this document will focus primarily on the activities carried out under the planning, implementation and evaluation of my pedagogical intervention, as well as my ethical and professional attitude throughout the academic year. In the reflexive dimension of this report will be addressed, among others themes, my learning, the difficulties that i felt and how did i exceed them during the internship. The conclusions about my initial formation will complement these two dimensions.

Presented the broad outlines of this internship report, it is important to note that i decided to give it a setting that could expose with clarity and coherence its contents.

Keywords: Physical Education. In-service Education. Autonomous Professional Practice. Inicial Formation. Learning. Professional Ethic.

Índice

1.Introdução.....	1
2.Expectativas Iniciais.....	2
3.Actividades Desenvolvidas	3
3.1.Planeamento	3
3.1.1.Elaboração do Plano Anual.....	4
3.1.2.Construção das Unidades Didácticas.....	5
3.1.3.Elaboração dos Planos de Aula	6
3.1.4.Estudo de Turma	7
3.1.5.Observação de Aulas.....	7
3.2.Realização - Intervenção Pedagógica	8
3.2.1.Instrução	8
3.2.2.Gestão Pedagógica	10
3.2.3.Clima de Aula / Disciplina	10
3.2.4.Decisões de Ajustamento	11
3.3.Avaliação.....	12
3.3.1.Avaliação Diagnóstica.....	13
3.3.2.Avaliação Formativa	14
3.3.3.Avaliação Sumativa	15
3.4.Componente Ético-Profissional	16
4.Justificação das Opções Tomadas	19
5.Ensino-Aprendizagem.....	22
5.1.Aprendizagens Realizadas Enquanto Estagiário	22
5.2.Compromisso com as Aprendizagens dos Alunos	24
5.3.Inovação nas Práticas Pedagógicas	26
6. Dificuldades e Necessidades de Formação	29
6.1.Dificuldades Sentidas e Formas de Resolução.....	29
6.2.Dificuldades a Resolver no Futuro ou Formação Contínua.....	32
7.Ética Profissional	35
7.1.Capacidade de Iniciativa e Responsabilidade.....	35
7.2.Importância do trabalho de grupo e individual	37
8.Questões Dilemáticas	39

8.1.A Escola e a Sociedade	39
8.2.O Professor Gestor.....	40
8.3.Dos Programas ao Planeamento.....	40
9. Conclusões da Formação Inicial	42
9.1.Impacto do Estágio na Realidade do Contexto Escolar	42
9.2.Prática Pedagógica Supervisionada	43
9.3.Experiência Pessoal e Profissional.....	44
10.Referências.....	47
10.1.Bibliográficas	47
10.2.Documentais	48
10.3.Normativas	48
Anexos.....	49
Anexo I - Plano Anual (Distribuição de Matérias).....	51
Anexo II - Rolamento de Espaços	53
Anexo III - Plano de Aula.....	55
Anexo IV – Extensão e Sequência de Conteúdos	57
Anexo V – Grelha de Observação de Aulas	59
Anexo VI – Grelha de Avaliação Diagnóstica	61
Anexo VII – Grelha de Avaliação Sumativa	63

1.Introdução

O Estágio Pedagógico que realizei deu continuidade à minha formação académica na área das Ciências da Educação Física. Com esta experiência fui-me dada a possibilidade manifestar num contexto escolar real os ensinamentos que recebi nas várias unidades curriculares teóricas e teórico-práticas dispersas pela licenciatura e mestrado.

De acordo com Schön (1987), “ as aprendizagens mais significativas e duradouras são as que decorrem de experiências concretas e da experimentação activa, implicando o envolvimento directo dos formandos em actividades e contextos reais de trabalho”. Esta poderia muito bem ser a definição do meu Estágio Pedagógico, no qual tive possibilidade de me integrar profissionalmente num contexto real de trabalho, de forma progressiva e orientada, através da prática de ensino supervisionada. Neste ano lectivo que agora finda, tive a oportunidade de assumir o papel de professor de Educação Física e assumir as funções e competências inerentes.

Com o intuito de relatar esta experiência, apresento este relatório com o intuito de descrever algumas das actividades que desenvolvi durante o Estágio Pedagógico e fazer algumas reflexões assentes no meu desenvolvimento profissional e pessoal. Creio que a estrutura e organização que estabeleci para este documento permitirão retratar de forma explícita e fidedigna o meu percurso e expressar com clareza as reflexões e conclusões da sua prossecução.

2.Expectativas Iniciais

Esta nova etapa da minha formação acadêmica foi precedida de um misto de nervosismo e ansiedade típicos de quem se vai deparar com uma nova realidade. A intensidade destes sentimentos foi aumentando à medida que se aproximava a data das colocações nas diferentes escolas. O facto de ter sido colocado na Escola Básica Castro Matoso, perto de Aveiro, funcionou como um estímulo motivacional extra pois poderia viver numa nova cidade e conhecê-la, preenchendo-me o espírito aventureiro e explorador. Foi com a mesma intensidade no nervosismo e ansiedade que esperei o primeiro contacto com a escola, seus professores e funcionários, colegas de estágio, orientador de estágio e a turma que me iria ser atribuída.

De um ponto de vista mais profissional, as expectativas para esta etapa de estavam relacionadas essencialmente com a materialização do conteúdo aprendido em toda a formação acadêmica anterior. A possibilidade de pôr em prática os conhecimentos pedagógicos, nas suas diferentes dimensões, constituiria um desafio aliciante para mim. Enquanto alunos da licenciatura em Ciências do Desporto na FCDEF-UC, tivemos a possibilidade de leccionar, ao longo da nossa formação, algumas matérias no âmbito de disciplinas mais práticas do plano curricular, contudo, foram experiências pontuais e dispersas que diferiam em muito da realidade que agora se afigurava.

A realização do Estágio Pedagógico permitir-me-ia agora assumir o papel de professor de Educação Física de uma turma, acompanhar o seu desenvolvimento, leccionando as matérias previstas nos Programas Nacionais de Educação Física de forma sistemática e regular, desenvolvendo capacidades na área da intervenção pedagógica, aumentando a familiarização com o conceito de avaliar, não o restringindo apenas à turma que acompanharei, mas também a mim próprio como forma de uma auto-avaliar os meus métodos de ensino.

Assim, perspectivei uma experiência bastante enriquecedora, que pretendia vivenciar na sua plenitude, consciencializando-me da profissionalização do professor de Educação Física, do “ mundo real” que é a escola e a sua comunidade, experiências bastante significativas e marcantes que o Estágio Pedagógico me poderia facultar e ajudar na integração no mundo da docência profissional.

3.Actividades Desenvolvidas

3.1.Planeamento

Preparar o ano lectivo com antecedência e rigor permitem ao professor diminuir as suas incertezas, o planeamento das actividades que desenvolverá ao longo do ano lectivo permitem-lhe traças orientações gerais para a sua intervenção pedagógica.

Segundo Sousa (1991), “o planeamento pode ser entendido como método de previsão, organização e orientação do processo de ensino-aprendizagem, concebido como um instrumento didáctico - metodológico, no sentido de facilitar as decisões que o professor tem de tomar, para alcançar os objectivos a que se propões”. Bento (1998) afirma que “ planear e preparar o sistema ensino – aprendizagem apenas em relação à aula é errado. O mais correcto parece ser conceber o planeamento e a preparação do ensino, partindo do contributo da disciplina de Educação Física para o objectivo geral da educação, passando por um adequado inter ajustamento do plano anual, dos planos das unidades didácticas e do projecto de cada aula”.

As primeiras actividades desenvolvidas no âmbito do planeamento começaram antes do início das aulas, logo no dia 1 de Setembro de 2010 e foram caracterizadas por um intenso trabalho de grupo do núcleo de estágio, com o intuito de preparar o ano lectivo que dali a duas semanas começava.

Os primeiros passos deste trabalho foram dados no sentido de reunir e analisar documentos legislativos que iriam definir as nossas orientações, dos quais se podem destacar o Programa Nacional de Educação Física (Reajustamento) para o Ensino Básico – 3º Ciclo, o Projecto Educativo 2009-2013 do Agrupamento de Escolas de Oliveirinha e o Regulamento Interno do mesmo agrupamento, entre outros. À medida que avançámos na análise destes documentos, com orientações mais globais, a nossa pesquisa foi afunilando para uma análise de documentos mais específicos relacionados com a disciplina de Educação Física no contexto da Escola Básica Castro Matoso, nomeadamente o Plano Anual da Escola para a disciplina de Educação Física, a planta da escola com os espaços disponíveis para abordar a disciplina, o rolamento dos diferentes professores de Educação Física por estes espaços, que entraria em vigor neste

novo ano lectivo, e o inventário, actualizado pelo nosso núcleo de estágio, que complementaria toda a informação necessária para a concepção de um vasto leque de documentos relacionados com o planeamento das actividades de ensino-aprendizagem.

É após esta etapa que o nosso trabalho no âmbito do planeamento se torna mais individualizado, atendendo à especificidade da turma atribuída a cada um dos elementos do núcleo de estágio, sem inviabilizar a troca de opiniões relativas aos conteúdos e estrutura destes, tendo em conta alguns aspectos comuns entre diferentes turmas.

3.1.1.Elaboração do Plano Anual

O Plano Anual de Turma foi por mim elaborado com o intuito de proceder à planificação e preparação das actividades a desenvolver ao longo do ano lectivo, pela turma que me havia sido atribuída, tendo em conta as suas especificidades e as do contexto escolar em que esta turma se inseria. Assim, a concepção deste documento não poderia estar dissociada da análise de um vasto leque de informações importantes para o seu conteúdo, afigurando-se então importante caracterizar pormenorizadamente todo um “cenário” no qual se iria desenvolver o ano lectivo, que me permitisse estabelecer objectivos concordantes com os conteúdos do Programa Nacional de Educação Física (Reajustamento) para o Ensino Básico – 3º Ciclo e o Plano Anual da Escola para a disciplina de Educação Física.

A elaboração deste documento foi maioritariamente individual, contudo, houve um trabalho cooperativo de maior proximidade com um dos meus colegas do núcleo de estágio a quem havia também sido atribuído uma turma do 8º ano de escolaridade, salvaguardando sempre a especificidade de ambas as turmas e a diferente perspectiva que cada um tinha do estágio pedagógico.

Com base no estudo pormenorizado da turma e após as reflexões resultantes do período inicial de avaliação diagnósticas, surgiu uma primeira proposta para o Plano Anual de Turma que contemplava a distribuição e extensão das diferentes unidades didácticas pelo ano lectivo, bem como os respectivos momentos de avaliação inicial, formativa e final de uma forma que considerava coerente. Contudo, tentei garantir ao máximo a flexibilidade do Plano Anual de Turma, este seria um conjunto de linhas

orientadoras da minha intervenção com abertura a possíveis ajustes, que vieram a ser necessários mais tarde, com o desenvolvimento do ano lectivo.

3.1.2. Construção das Unidades Didácticas

Os documentos definidos como Unidades Didácticas foram também eles desenvolvidos no âmbito do planeamento das actividades de ensino – aprendizagem, com o intuito de reunir todo um conjunto de opções e estratégias de abordagem aos diferentes blocos de matérias definidos no Programa Nacional de Educação Física (Reajustamento) e no Plano Anual da Escola para a disciplina de Educação Física para o 8º ano de escolaridade.

Ao elaborar as Unidades Didácticas, pude aglomerar todo um conjunto de informação e estratégias que me permitiriam orientar a abordagem aos diferentes blocos de matérias e analisar os resultados que provinham dos ajustes realizados em função da evolução dos alunos nas diferentes matérias. Defini uma estrutura padrão para as unidades didácticas pois todas respeitavam uma sequência e articulação lógica de conteúdos, salvaguardando sempre a especificidade de cada bloco de matérias.

A composição destas Unidades Didácticas assentou numa organização que primeiramente expunha a caracterização das matérias, dos recursos disponíveis para as abordar e a estruturação dos seus conhecimentos e conteúdos. Ultrapassada a fase de avaliações diagnósticas, a informação acima referida era complementada com um relatório assente nos resultados da avaliação inicial, ponto de partida para a selecção de objectivos e definição de estratégias para melhor os atingir, em função do nível apresentado pela generalidade dos alunos.

As Unidades Didácticas eram também constituídas pela extensão e sequência dos conteúdos das diferentes matérias, com os devidos objectivos, funções didácticas e conteúdos, cujas progressões pedagógicas desenvolveriam em função das particularidades de cada aula. A informação recolhida durante o momento de avaliação formativa permitiria então aferir a eficácia destas opções e “afinar” estratégias caso se afigurasse necessário. Posteriormente, a avaliação final contribuiria de forma decisiva

para a reflexão final destas Unidades Didáticas, pois condensava todo um conjunto de informações recolhidas ao longo da abordagem das matérias.

O conteúdo destas unidades didáticas estava interligado com o do Plano Anual de Turma, contudo, o destas Unidades Didáticas era um pouco mais específico, visto assentar a sua estrutura individualmente em cada bloco de matéria, que o Plano Anual de Turma de certa forma globalizava.

3.1.3.Elaboração dos Planos de Aula

No âmbito do planeamento, a concepção dos Planos de Aula foi a actividade que desenvolvi com maior frequência tendo em conta o número de aulas que tive oportunidade de leccionar. Para cada aula, elaborei previamente um plano que faria referência aos seus objectivos, descrição das suas tarefas e respectivos objectivos específicos, bem como a gestão temporal de cada uma destas tarefas e da totalidade da aula. Como complemento a estas informações, estipulava também no plano de aula as melhores estratégias de organização, objectivos operacionais e critérios de êxito de cada tarefa, inculcando-lhes algumas inovações e originalidades, com as devidas justificações. O facto de ter um aluno com necessidades educativas especiais praticamente não condicionou a elaboração dos planos de aula, isto porque as suas limitações não eram muito significativas, não inviabilizando a realização das diferentes tarefas apesar de algumas destas se lhe tornarem mais exigentes mas que o aluno se dedicava para realizar. Apesar de não se dissociarem umas das outras, as suas principais dificuldades manifestavam-se predominantemente no domínio cognitivo

Definida a estrutura que aglomerava todos estes parâmetros, salvaguardei, em todos os Planos de Aula, um espaço para realizar uma breve reflexão posterior à leccionação da aula, na qual teria possibilidade de analisar alguns itens relevantes relacionados com o desenvolvimento da aula, como o controlo da mesma, a gestão do tempo, a qualidade da informação transmitida e o meu posicionamento durante a aula, entre outros itens.

Com a progressão no ano lectivo, fui aprimorando os Planos de Aula, concedendo-lhes um conteúdo mais claro e preciso, o mesmo aconteceu com a minha

capacidade de reflexão, à medida que recolhendo algumas aprendizagens e experiências a minha capacidade de argumentação e reflexão melhorou substancialmente.

3.1.4. Estudo de Turma

Os nossos alunos são muito mais do que aquilo que observamos nas nossas aulas e o primeiro passo para garantir a qualidade de ensino passa pela consciencialização desta evidência por parte dos professores. A democratização do ensino só se torna real quando respeitamos a individualidade de cada aluno e a diversidade da turma, contudo, esta diversidade não se pode limitar apenas a aspectos relacionados com a capacidade de aprendizagem, é preciso ir um pouco mais além, conhecer melhor os nossos alunos e o contexto social em que se inserem, os seus hábitos, interesses, um pouco da sua história, que nos ajude a adaptar a nossa intervenção garantindo uma aprendizagem correcta e significativa para todos, independentemente das suas diferenças.

Apesar de não incidir individualmente sobre cada aluno, mas sim nas diferenças dos alunos que compõe a turma na sua globalidade, a elaboração do estudo de turma permitiu-me conhecer melhor a turma que me foi atribuída, caracterizando-a biográfica e socialmente, percebendo as suas motivações, ajudando-me a adaptar estratégias às características dos elementos da turma.

3.1.5. Observação de Aulas

Para a observação de aulas dos meus colegas de estágio e do orientador de escola elaborámos enquanto núcleo de estágio uma grelha que nos permitia recolher um lote de informações que considerávamos pertinentes para realizar posteriores reflexões. A possibilidade de observar estas aulas desenvolvia o nosso sentido crítico e retirar algumas ideias para as aulas que cada um tinha possibilidade de dar. Neste aspecto, a observação das aulas do orientador de escola eram um boa oportunidade para retirar

alguns ensinamentos da forma como este organizava e conduzia as suas aulas, a sua experiência e domínio facultava-nos mais opções para as estratégias de ensino que cada um de nós poderia adoptar.

3.2.Realização - Intervenção Pedagógica

Para Siedentop (1983), “o ensino deve ser concebido com direcção ao processo de aprendizagem e para isso o ensino deve encontrar maneiras de ajudar os alunos a aprenderem a se desenvolverem através de experiências que os levem a crescer em destreza, entendimento e atitudes”. A qualidade da intervenção pedagógica dum professor depende da capacidade que tem de adaptar as suas estratégias aos seus alunos. Para Carreiro da Costa (1994), “uma estratégia de ensino é uma forma de organizar as condições de ensino-aprendizagem com o objectivo de facilitar a movimentação do aluno de um estado potencial de capacidade para um estado real”.

O professor, enquanto transmissor de conhecimentos e valores, deve sempre adequar a sua intervenção pedagógica aos seus alunos, com o intuito de fazer passar os seus ensinamentos da forma mais eficaz e pertinente, acautelando a aprendizagem dos seus alunos, só o conseguirá mostrando disponibilidade para continuamente evoluir nos diferentes parâmetros de qualidade da sua intervenção. Ao ter um aluno com necessidades educativas especiais, mais versátil devia ser a minha capacidade de intervir e apoiar a sua acção nas aulas, garantindo o respeito pelas suas características mas objectivando-lhe uma evolução nas diferentes matérias, tal como aos seus colegas.

3.2.1.Instrução

No que diz respeito à instrução, a minha apresentação das aulas e informação inicial seguiu sempre um padrão, que era de algumas alterações em função dos conteúdos a abordar numa determinada aula e a sua função didáctica, enquadrando-a na extensão de conteúdos da matéria. Durante a informação inicial, tinha a oportunidade de

expor os objectivos, conteúdos e as tarefas que da aula que os iriam desenvolver, resumindo em traços gerais o que os alunos poderiam esperar da aula, dando-lhes posteriormente a oportunidade de esclarecer dúvidas que surgissem durante esta prelecção inicial.

Apesar de ter cometido alguns erros na fase inicial do estágio, resultantes de alguma inexperiência, com a progressão do ano lectivo fui melhorando a organização das aulas, com o intuito de conseguir circular de forma dinâmica pelo espaço de aula sem perder o posicionamento adequado, assim, conseguiria uma maior proximidade e controlo das actividades, que me facilitavam a correcção de erros cometidos durante o desempenho dos alunos e salvaguardar a segurança das tarefas. A dinâmica com que circulava pelo espaço de aula estava condicionada à matéria a abordar, na abordagem à Ginástica de Solo e de Aparelhos estava um pouco mais estático, adoptando um posicionamento que me permitisse ao mesmo tempo ajudar no desempenho dos diferentes elementos e controlar os restantes alunos da turma.

À medida que sentia mais confiança na minha intervenção, os períodos de instrução foram sendo mais curtos e a frequência de feedbacks foi aumentando gradualmente. Ao ter maior proximidade com a turma, conhecia melhor as dificuldades de cada aluno e sabia de antemão quais precisavam de mais apoio e quais os que precisavam de um controlo disciplinar mais rigoroso. Os tipos de feedback aplicados eram maioritariamente descritivos e prescritivos, a sua frequência era mais significativa a nível individual, contudo, sempre que constatava um erro comum à generalidade da turma ou de um grupo, aplicava feedbacks de forma colectiva, reforçando a informação quando havia necessidade de reformulá-la. Com a dificuldade inicial em distribuir equilibradamente a minha atenção no desempenho dos alunos, falhei algumas vezes na conclusão de ciclos destes feedbacks aplicados, aspecto que fui melhorando gradualmente.

Normalmente, a conclusão da aula era feita com uma prelecção final que se assumia como um balanço, na qual revia os conteúdos abordados, questionando a sua compreensão por parte dos alunos e ligando-os com que iriam ser abordados na aula seguinte, realizando a extensão da aula.

3.2.2. Gestão Pedagógica

A gestão do tempo de aula e das tarefas que a compunham nunca me colocou muitas dificuldades, em praticamente todas as aulas que tive oportunidade de leccionar consegui cumprir com a duração das tarefas que definia nos planos de aula. O facto de definir previamente os grupos de alunos para as diferentes tarefas e dosear a sua duração em função sua exigência facilitava a gestão do tempo parcial e total da aula.

A organização das tarefas e a transição entre elas também contribuía de forma determinante para uma boa gestão dos tempos de aula. Na concepção dos planos de aula revelava alguns cuidados no encadeamento das tarefas que o compunham, ao organizar individualmente cada tarefa, reflectia sobre a sua transição para a seguinte de modo a garantir uma transição rápida para uma tarefa seguinte que seguiria uma lógica de complexidade crescente, sem perder a coerência e concordância com os objectivos da aula.

Na abordagem aos blocos de matérias que apresentavam maior semelhança entre si, esforcei-me para garantir que também a organização das suas aulas não era muito díspar, acabando por facilitar a instrução das tarefas e a compreensão destas por parte dos alunos. As decisões relacionadas com a organização e gestão pedagógica das aulas tinham sempre em conta o nível dos alunos e a sua evolução nos diferentes blocos de matérias, adaptando-as às capacidades dos alunos e aos objectivos da aula.

3.2.3. Clima de Aula / Disciplina

O controlo disciplinar foi um dos parâmetros nos quais tive maior dificuldade de consolidação. A turma cedo se revelou bastante irrequieta, com um comportamento pouco satisfatório e na fase inicial do estágio senti grandes dificuldades em contrariar a situação. O facto de preparar as aulas com o maior rigor não inviabilizava algum descontrolo em certos momentos, e a ineficácia das minhas estratégias deixavam desanimado quando fazia a reflexão da aula. As sistemáticas chamadas de atenção revelaram-se infrutíferas, tal como a minha postura apaziguadora perante comportamentos desviantes. O clima de aula e controlo disciplinar só começaram a

sofrer melhorias pouco depois do início do 2º Período, quando definitivamente decidi adoptar uma posição mais rigorosa e ativa perante a turma, comunicando todas as manifestações de indisciplina à directora de turma.

A mudança na minha intervenção acabou por resultar nalgumas melhorias, à medida que o ano lectivo foi avançando, as regras e rotinas das aulas de Educação Física foram sendo consolidadas e o comportamento da turma foi melhorando, contudo, não consegui abolir completamente alguns comportamentos menos próprios de alunos mais irreverentes, contudo estas manifestações foram sendo cada vez menos frequentes e graves, beneficiando significativamente a minha intervenção e a aprendizagem dos alunos.

Apesar de ter ajustado a minha forma de intervir no controlo disciplinar da turma, persisti numa forma de comunicar serena e positiva, captando a atenção dos alunos com maior facilidade nas prelecções iniciais e finais, adaptando a terminologia da minha comunicação à compreensão dos alunos para conseguir passar a mensagem.

3.2.4. Decisões de Ajustamento

A respeito das decisões de ajustamento, tive que promover algumas alterações em alguns dos documentos já acima mencionados, nomeadamente no Plano Anual de Turma e nas Unidades Didácticas, confirmando uma vez mais a interligação que existe entre estes dois documentos, dos quais os Planos de Aula não podem estar dissociados.

Os principais catalisadores das decisões de ajustamento foram a evolução dos alunos nos diferentes blocos de matérias e o melhoramento na distribuição destes blocos pelos diferentes períodos, que obviamente influenciavam a estrutura do Plano Anual e das Unidades Didácticas. Ao analisar a progressão das diferentes matérias poderia fazer algumas reflexões acerca da evolução dos alunos e concluir se as aulas previamente estipuladas para abordar determinada matéria eram suficientes ou se poderia diminuir/aumentar a extensão e sequência dos seus conteúdos. O Andebol foi um dos blocos de matérias que melhor representa esta necessidade de ajustar a Unidade Didáctica e por consequência o Plano Anual de Turma. Com a sua progressão apercebi-me que as aulas inicialmente estipuladas não eram suficientes para atingir os objectivos e desenvolver adequadamente os seus conteúdos, optei então por aumentar o número de

aulas de Andebol, a leccionar no 1º Período, contudo, as condições climatéricas inviabilizaram a realização de algumas aulas e para garantir a sequencialidade e proximidade entre as aulas de Andebol tive necessidade de adiar a sua conclusão para o 2º Período, surgindo a Ginástica de Solo e Ginástica de Aparelhos como alternativas às aulas de Andebol. Após estas alterações, senti necessidade de reformular a distribuição de blocos de matérias no Plano Anual de Turma, reestruturando-o de forma garantir maior proximidade entre as aulas dos diferentes blocos de matérias, aproveitando de forma mais eficaz o sistema de rolamento pelos espaços disponíveis para as aulas de Educação Física.

No contexto específico de cada aula, as decisões de ajustamento estiveram predominantemente relacionadas pequenas alterações na organização de grupos que realizavam as tarefas, estas reorganizações eram necessárias para colmatar a falta de alguns alunos, necessárias quando o número de alunos em prática eram consideravelmente menor que o previsto. Em algumas situações realizei alguns ajustes também na própria organização das tarefas, este tipo de situações aconteceu com maior frequência nas aulas de Ginástica de Solo, quando no desenvolvimento da aula constava que poderia aumentar a exigência de determinada tarefa pois o nível dos alunos assim o permitia.

3.3. Avaliação

A Avaliação constitui um processo contínuo, reguladora das aprendizagens, orientadora do percurso escolar e certificadora das diversas aquisições realizadas pelo aluno. O Despacho Normativo n.º 1/2005, de 5 de Janeiro estabelece os princípios e os procedimentos a observar na avaliação das aprendizagens e competências aos alunos dos três ciclos do ensino básico. Neste mesmo documento, a avaliação é definida como um elemento integrante e regulador da prática educativa que permite a recolha sistemática de informações que, uma vez analisadas, apoiam a tomada de decisões adequadas à promoção da qualidade das aprendizagens.

A avaliação é assim uma ferramenta que permite aos professores se consciencializarem da eficácia da sua intervenção, contudo, as informações que pode

recolher dos processos avaliativos só poderão ser fidedignas se os métodos utilizados para avaliar as aprendizagens assentarem em princípios que garantam a sua qualidade. O Despacho Normativo n.º 1/2005, de 5 de Janeiro estabelece também os princípios nos quais se deve assentar a avaliação das aprendizagens e competências dos alunos, dos quais destaco: Consistência entre os processos de avaliação e as aprendizagens e competências pretendidas, de acordo com os contextos em que ocorrem; Utilização de técnicas e instrumentos de avaliação diversificados; Transparência e rigor do processo de avaliação, nomeadamente através da clarificação e da explicitação dos critérios adoptados e a Valorização da evolução do aluno.

Estes são princípios que devem ser transversais a todos os processos avaliativos que o professor recorrer, nos diferentes momentos do ano lectivo, nomeadamente nos três que o mesmo despacho distingue, a avaliação diagnóstica, a avaliação formativa e a avaliação sumativa. No âmbito da avaliação a alunos com necessidades educativas especiais, o Decreto-lei n. 3/2008, de 7 de Janeiro estabelece as suas adequações e princípios, pelos quais me regrei na avaliação específica do aluno com necessidades educativas especiais.

3.3.1. Avaliação Diagnóstica

. Com excepção para a Patinagem e para a Dança, as avaliações diagnósticas das restantes matérias foram realizadas logo nas primeiras aulas de Educação Física do ano lectivo. A decisão de realizar as avaliações diagnósticas nesta primeira etapa estava intimamente relacionada com os próprios objectivos deste tipo de avaliação. A avaliação diagnóstica tem como principais objectivos averiguar se os alunos possuem os conhecimentos e aptidões para poderem iniciar novas aprendizagens, identificando possíveis problemas que servirão de base para decisões de adequação do ensino às características dos alunos.

A recolha dos dados relativos às avaliações diagnósticas foi feita através da observação directa do desempenho dos alunos nas primeiras aulas de cada bloco de matérias. Nas aulas de avaliação diagnóstica, possibilitava aos alunos a exercitação dos diferentes elementos técnicos/tácticos de cada matéria, de forma individual e colectiva,

dependendo do elemento a abordar. Nesta fase inicial, não conhecendo muito bem os alunos, organizava-os em função do seu número de aluno, facilitando-me o registo dos desempenhos.

O registo destas observações era feito numa grelha de verificação, onde poderia registar o desempenho dos alunos, distribuindo-os por três classificações distintas: Não Realiza (NR), Realiza (R) e Realiza Bem (RB) nos diferentes elementos técnicos/tácticos. A análise destes dados permitia tomar decisões relativas à extensão das matérias e estratégias para as abordar, definindo grupos de nível em função do desempenho dos alunos. As conclusões relativas aos resultados da generalidade da turma complementavam estas informações sobre a forma de um relatório geral da avaliação diagnóstica em determinada matéria.

Estas informações recolhidas eram também muito importantes para os alunos e era com esta preocupação que lhes transmitia, em traços gerais, as reflexões que havia feito acerca das avaliações diagnósticas. Importa referir que nesta etapa inicial, o domínio psico-motor assumia importância quase exclusiva na avaliação diagnóstica.

3.3.2. Avaliação Formativa

Apesar de ser um processo contínuo e sistemático, demarquei os momentos de avaliação formativa sensivelmente a meio da progressão dos diferentes blocos de matérias. Tomei esta decisão com base nas finalidades que persegue a avaliação formativa, recolher informação sobre o desenvolvimento das aprendizagens e competências, de modo a permitir rever e melhorar os processos de trabalho e adoptar estratégias mais eficazes, dando a conhecer esta informação também aos alunos.

Com um conhecimento mais aprofundado dos alunos e através da observação directa dos seus desempenhos, conseguia aferir a sua evolução e posicionamento perante os objectivos propostos nas diferentes matérias. Este tipo de recolha de dados exigia um enorme trabalho de preparação para a aula de avaliação formativa, que implicava uma análise rigorosa da progressão de cada aluno e o estudo aprofundado dos conteúdos. O objectivo desta intensa preparação seria obter resultados claros

fidedignos quando à evolução dos alunos, que garantissem justiça à avaliação formativa e me permitissem actualizar os grupos de nível.

Os resultados da avaliação formativa não foram registados em grelhas de verificação, como tinha acontecido nas avaliações diagnósticas. A análise destes resultados foi essencialmente qualitativa, após a realização da avaliação formativa, era feita uma reflexão individual de cada aluno e da generalidade da turma, na qual descrevia de forma qualitativa a evolução dos alunos nas diferentes matérias e os domínios sócio-afectivo e cognitivo assumiam maior relevo nas ponderações, quando comparados com a avaliação diagnóstica.

3.3.3.Avaliação Sumativa

Traduzindo-se a avaliação sumativa num juízo mais globalizante sobre o desenvolvimento dos conhecimentos e competências, capacidades e atitudes do aluno, fazia todo o sentido realizar a avaliação sumativa dos diferentes blocos de matérias no final das suas progressões. Este processo avaliativo era um pouco mais complexo que os anteriores pois exigia o cruzamento de informações dos vários domínios da avaliação, para os quais estavam atribuídas diferentes ponderações (domínio psico-motor 55%, domínio cognitivo 15% e os restantes 30% para o domínio sócio-afectivo).

A avaliação do domínio psico-motor teve por base a recolha de todas as informações relativas aos desempenhos dos alunos ao longo da progressão em determinada matéria, estas informações eram posteriormente cruzadas com as recolhidas na última observação directa do desempenho dos alunos nas aulas de avaliação sumativa. A recolha dos dados era feita através da observação directa do desempenho dos alunos e o registo era posteriormente feito numa grelha de verificação de malha mais fina que a utilizada na avaliação diagnóstica. Nesta grelha de verificação da avaliação sumativa distinguia cinco níveis distintos, com as menções de Nível 1, Nível 2, Nível 3, Nível 4 e Nível 5. A cada aluno seria atribuído um nível em função do número de componentes críticas, definidas nos critérios de avaliação, que cada aluno conseguia cumprir através dos seus desempenhos nos diferentes elementos técnicos/tácticos.

. A avaliação do domínio cognitivo era feita de forma sistemática, ao longo das aulas, através do questionamento aos alunos e a capacidade de reflexão que cada um demonstrava quando lhes era solicitado um comentário acerca de determinadas aulas. Na fase final das matérias, os alunos realizavam um teste teórico baseado nos conhecimentos transmitidos ao longo da sua progressão e que consolidavam os resultados da avaliação do domínio cognitivo.

A avaliação do domínio sócio-afectivo teve por base o registo da assiduidade e pontualidade dos alunos, complementado com algumas notas que ia registando acerca da atitude e postura dos alunos perante o professor e seus colegas, bem como os índices de empenho e participação nas aulas de Educação Física.

A avaliação sumativa resultava então do cruzamento de todas estas informações, salvaguardando as diferentes ponderações que cada uma tinha no momento de avaliar globalmente os alunos. Apesar de requerer uma análise bastante exigente e complexa deste vasto leque de informações, esforcei-me por garantir o máximo rigor e justiça à avaliação sumativa de cada aluno.

3.4. Componente Ético-Profissional

A curiosidade e predisposição para aprender sempre me caracterizaram e o Estágio Pedagógico foi uma experiência que me deu oportunidade de aprender muitas coisas que me fizeram evoluir a nível profissional e pessoal. A interminável vontade de aprender fez com que aproveitasse todas as oportunidades para ampliar os meus conhecimentos, gerais e específicos, através das pesquisas que realizei individualmente e em conjunto com os meus colegas do núcleo de estágio e da troca de ideias com estes e com outros professores mais experientes. Com o desenvolvimento dos conhecimentos, aprimorei também o meu sentido crítico e reflexivo, à medida que fui ganhando mais confiança nas minhas capacidades sentia maior à-vontade e autonomia para ponderar as minhas decisões e auto-avaliar o meu desempenho.

Julgo que a minha postura e atitude contribuíram de forma significativa para a auto-formação e desenvolvimento profissional durante o Estágio Pedagógico, contudo, esta seria de todo impossível se os meus colegas e restantes professores não

demonstrassem a disponibilidade que demonstraram para transmitir muitos dos ensinamentos perspectivas diferentes e inovadoras do mesmo tema, resultantes da experiência acumulada. O acolhimento e disponibilidade que senti por parte dos que me rodeavam só poderiam ser retribuídos com a mesma disponibilidade e abertura da minha parte.

A intensidade com que o núcleo de estágio trabalhava em equipa dependia muito do momento do ano lectivo que atravessávamos, não querendo isto dizer que alguma vez tivesse realizado algo sem trocar impressões com os meus colegas, a importância que devia ser dada à troca de opiniões entre os elementos do núcleo e com outros professores era unânime e cedo ficou estabelecida. O trabalho em equipa era mais intenso no início e final de cada período, nos quais poderíamos reflectir acerca da preparação do período que se avizinhava e a avaliação quando este terminava. O facto de já conhecer os meus colegas do núcleo antes do Estágio Pedagógico foi bastante positivo para o estabelecimento duma metodologia e dinâmica de trabalho de grupo, aspectos que se foram consolidando com o avançar do ano lectivo. O clima positivo dentro do núcleo de estágio era promotor de iniciativas individuais de cada um. Neste aspecto, tive oportunidade de expor algumas opiniões, tal como os meus colegas, que acabaram por se revelar importantes na concepção de alguns documentos e noutras tarefas à responsabilidade do núcleo.

As minhas responsabilidades enquanto professor e colega aumentaram simultaneamente com o sentimento de pertença à comunidade escolar. Os que nos rodeavam conheciam-nos um pouco melhor e sabiam que podiam contar connosco para desenvolver qualquer tipo de actividade na qual a nossa participação fosse pertinente, esta exposição exigia o desenvolvimento das nossas competências enquanto professores para estarmos à altura das nossas responsabilidades. O nervosismo de colaborar em novas actividades era constante mas acabava sempre por ser compensatório.

Tentei inculcar alguma inovação nas práticas pedagógicas, nomeadamente nas aulas de Ginástica de Solo e Aparelhos. No contacto que tive com estas matérias, conhecia duas grandes formas de as abordar, em circuito ou por estações, optei então por leccioná-las as aulas de Ginástica desmontando os seus elementos nas principais fases. A maior parte das tarefas das aulas de Ginástica eram constituídas por uma sequência de fases que culminava com a realização do elemento na sua globalidade, os

alunos passavam pelas diferentes fases até as encadear no final da tarefa, trabalho em vaga. Este tipo de organização caracterizava essencialmente as aulas cuja função didáctica era a introdução e exercitação de novos elementos. Estas decisões nunca eram tomadas sem o conhecimento do orientador, de forma a não comprometer as aprendizagens dos alunos.

Considero que a minha postura durante o Estágio Pedagógico foi correcta, primei pela assiduidade, pontualidade e respeito pelos compromissos que assumi, tratando sempre de forma educava e cordial todos os que me rodearam. A minha conduta ético-profissional proporcionou-me criar alguns laços de amizade com alguns professores, funcionário e alunos da Escola Básica Castro Matoso e a crer que representei bem Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, na qual me formei.

4. Justificação das Opções Tomadas

As opções tomadas ao nível do planeamento assentaram nas orientações definidas no Programa Nacional de Educação Física (Reajustamento) para o 3ºCiclo do Ensino Básico e no Plano Anual da Escola para a disciplina de Educação Física. Estes foram os dois grandes alicerces das minhas opções para o Plano Anual de Turma, juntamente com todos os dados que recolhi na caracterização da turma e das reflexões que fiz com o avançar do ano lectivo.

Estando interligados, o Plano Anual da Escola seguia as orientações do Programa Nacional de Educação Física adaptando alguns dos seus conteúdos ao contexto da Escola Básica Castro Matoso, o que fazia do Plano Anual da Escola um documento mais específico. Foi através da análise rigorosa do Plano Anual da Escola que comecei a tirar algumas ideias para a concepção do Plano Anual de Turma, pois nele estavam definidos importantes parâmetros como os objectivos gerais da disciplina, os específicos de cada matéria, a distribuição da avaliação com as ponderações pelos diferentes domínios e os critérios de êxito específicos de cada matéria. Estruturei então o Plano Anual de Turma com base nestas informações, adaptando alguns conteúdos à especificidade da minha turma.

Com o desenvolvimento do ano lectivo, fui ajustando a distribuição das diferentes matérias pelo ano lectivo com o intuito de aproveitar melhor o rolamento dos espaços disponíveis para as aulas de Educação Física. Conhecendo um pouco melhor a dinâmica e possibilidades de troca na rotação destes espaços consegui reorganizar as matérias para que as suas aulas fossem mais próximas umas das outras, beneficiando a continuidade e sequência dos conteúdos e por consequência a aprendizagem dos alunos. Comprometido com as aprendizagens dos alunos, todas as opções que tomei e ajustes que fui realizando foram em consciência com a evolução dos alunos nas diferentes matérias.

Na minha intervenção pedagógica em contacto directo com a turma fui mudando gradualmente a minha forma de conduzir as aulas. A forma como lidava com os comportamentos desviantes nas primeiras aulas não era a mais assertiva, como tal, necessitava de explorar novas estratégias de controlo para contrariar o comportamento pouco satisfatório da generalidade da turma. Nas constantes reflexões que fazia junto do

Orientador, este apresentava várias estratégias que poderia adoptar para melhorar o controlo da turma e foi com base nos seus ensinamentos que fui sendo cada vez mais rigoroso e menos flexível para com alguns alunos da turma cujo comportamento não era de todo exemplar. Quando percebi que tinha encontrado a melhor forma de conduzir as aulas o clima nas aulas de Educação Física melhorou, as regras e rotinas que defini para as aulas foram sendo consolidadas e comecei a sentir que o exigente planeamento das aulas era recompensado com a sua realização.

As opções tomadas ao nível dos processos avaliativos respeitaram as indicações dos mesmos documentos analisados no planeamento das minhas intervenções, complementadas com as orientações definidas no Despacho Normativo n.º 1/2005, de 5 de Janeiro, que estabelece os princípios e os procedimentos a observar na avaliação das aprendizagens e competências dos alunos do ensino básico regular.

A respeito da avaliação diagnóstica, a opção de utilizar uma grelha de verificação de malha grossa foi discutida dentro do núcleo de estágio com o seu orientador e a sua utilização reuniu unanimidade. A utilização deste tipo de grelha permitiria uma recolha rápida e precisa de dados que após tratados e analisados, permitiam conhecer as principais dificuldades sentidas pela generalidade da turma, o conhecimento e aptidões que tinham para poderem iniciar novas aprendizagens e decidir pelas melhores estratégias de ensino, adequadas às características dos alunos. O relatório geral da avaliação diagnóstica reunia todas estas informações que possibilitavam a formação de grupos de nível, nos quais os alunos eram distribuídos em função do desempenho na aula de avaliação diagnóstica.

A avaliação formativa já reunia um maior leque de informações pois os domínios sócio-afectivo e cognitivo já assumiam maior importância neste processo avaliativo. Não lhe querendo atribuir um papel classificatório, a decisão de recolher todas as informações da avaliação formativa em descrições qualitativas individuais permitia englobar todos os domínios numa pequena síntese baseada na evolução dos alunos, opção que reuniu também unanimidade dentro do núcleo de estágio. O relatório geral da avaliação formativa reunia então as informações recolhidas na aula, que me permitiam actualizar os grupos de nível e realizar algumas reflexões acerca do desenvolvimento das aprendizagens e competências na progressão de determinada

matéria, de modo a permitir rever e melhorar os processos de trabalho e adoptar estratégias mais eficazes, dando a conhecer esta informação também aos alunos.

A avaliação sumativa, sendo mais globalidade que os processos avaliativos prévios, reunia todas as informações recolhidas ao longo de todas as aulas da progressão dos blocos de matérias, nos diferentes domínios da sua avaliação. Para avaliar o produto das aprendizagens, fazia todo o sentido definir uma fase final para a avaliação sumativa das matérias, na qual eram recolhidos dados relativos ao desempenho psico-motor, cognitivo e sócio-afectivo dos alunos.

A recolha de dados relativos ao desempenho psico-motor dos alunos foi feita com recurso a uma grelha de verificação de malha mais fina que a utilizada na avaliação diagnóstica. A sua utilização pressupunha um maior conhecimento dos alunos, das suas capacidades e permitia diferenciar melhor os seus desempenhos. Para aferir as aprendizagens realizadas a nível cognitivo, na mesma aula ou na anterior, era aplicado um teste teórico assente nos conteúdos transmitidos ao longo das aulas, cujos resultados eram posteriormente tratados e cruzados com informações que ia recolhendo nas aulas, através do questionamento e solicitação de reflexões aos alunos. A avaliação do domínio sócio-afectivo reflectia, entre outros parâmetros, a atitude, assiduidade, pontualidade, participação e respeito para com os colegas e professor que os alunos demonstravam. Todas estas informações eram posteriormente aglomeradas num documento único, que relatava a progressão da generalidade e o produto final das aprendizagens realizadas. De forma individual, descrevia de forma qualitativa o desenvolvimento de cada aluno em todos os domínios da avaliação.

No que diz respeito à minha conduta ético-profissional, no início do Estágio Pedagógico optei por ser mais ouvinte do que orador, com o intuito de familiarizar com o contexto escolar e aferir a dinâmica de trabalho do núcleo de estágio. À medida que me fui sentindo mais à-vontade e confiante das minhas capacidades, fui tomando algumas iniciativas e a minha capacidade de reflectir sobre as mesmas e das dos meus colegas foi melhorando. A minha postura possibilitou-me aprender muito com todos os que me rodearam e julgo que também lhes transmiti algum conhecimento e positividade.

5. Ensino-Aprendizagem

5.1. Aprendizagens Realizadas Enquanto Estagiário

A variabilidade de actividades que desenvolvi no âmbito do Estágio Pedagógico promoveu um conjunto enorme de aprendizagens que tive oportunidade de realizar, para as quais foi também decisivo o contexto no qual fui inserido enquanto estagiário. Fazendo uma análise retrospectiva às aprendizagens que fui acumulando nesta experiência, torna-se um pouco difícil fazer a exposição detalhada do seu volume. Proponho-me então a referir as mais significativas e principais aprendizagens que realizei enquanto estagiário, em função das vivências e actividades que desenvolvi, seguindo uma ordem cronológica dos acontecimentos promotores.

A frequência de contacto e pesquisa dos documentos fundamentais para a preparação do ano lectivo foram fundamentais para aprender novos conteúdos e aprofundar os conhecimentos de outros com os quais já tinha tido contacto durante a minha formação. A pesquisa bibliográfica que antecedeu o início do ano lectivo foi muito importante para fundamentar as decisões que haveria de tomar durante o Estágio Pedagógico. Esta etapa inicial do Estágio Pedagógico foi caracterizada por um intenso trabalho de grupo, no qual poderíamos trocar algumas reflexões acerca das nossas pesquisas e partilhá-las com outros professores, que com a sua experiência nos passaram alguns ensinamentos. Os primeiros contactos bibliográficos foram preponderantes para a preparação do ano lectivo, o vasto leque de orientações que aglomeravam tornavam-se demasiado importantes para se restringirem apenas à preparação. A utilização do suporte bibliográfica foi sistemático ao longo de todo o ano lectivo, com o intuito de suportar as minhas opções e fundamentar os ajustes que ia promovendo com o desenvolvimento do estágio.

Durante o percurso académico que precedeu esta etapa, tive oportunidade de aprender algumas bases respeitantes ao planeamento de aulas, contudo, estes conhecimentos eram essencialmente teóricos, postos em prática em algumas unidades curriculares cujo programa estipulava apenas um ou duas aulas de leccionação. O Estágio Pedagógico contemplava agora um ano lectivo de leccionação pelo qual deveriam estar adequadamente distribuídos diversos blocos de matérias, cujo conteúdo

deveria ser desenvolvida de forma lógica e pertinente. A inexperiência e o conhecimento pouco sólido no âmbito do planeamento resultaram num nervosismo inicial, típico de quem enfrenta uma nova realidade, contudo, os ensinamentos que o orientador de escola e outros professores do grupo de Educação Física nos iam passando prepararam-nos para enfrentar estas dificuldades iniciais. Aprender novas metodologias de planeamento com a experiência prática de outros professores tornou mais fácil elaborar e ajustar documentos que orientaram a minha intervenção, como o Plano Anual de Turma, unidades didáticas e planos de aula. Com a consolidação destas aprendizagens, fui sentindo cada vez mais confiança na minha capacidade de planear as actividades e garantir a flexibilidade da sua adaptação a situações imprevistas.

A evolução da parte prática da minha intervenção pedagógica seguiu processos em tudo semelhantes ao planeamento. No que diz respeito a leccionar, também nunca tinha tido oportunidade de fazê-lo com alunos do escalão etário da turma que me foi atribuída e o conhecimento que outros professores já tinham dela acabou por me ajudar na escolha de estratégias de condução da aula, tal como o estudo de turma realizado nas primeiras aulas. Neste capítulo, as aprendizagens mais significativas que realizei relacionaram-se com o controlo e condução das aulas. No início do ano lectivo tive algumas dificuldades em garantir o controlo e clima favorável nas aulas de Educação Física, como tal, senti necessidade de alterar a forma como conduzia as minhas aulas e o orientador teve um papel fundamental na ajuda que me deu para inverter esta tendência. Os anos de ensino que tinha possibilitaram-me contactar com os mais diversificados tipos de turma, os ensinamentos que me passou quanto a estratégias de ensino foram muito importantes e aprendi bastante nesta área. Em função das características da turma, aprendi a lidar com os comportamentos desviantes, gerir os interesses dos alunos em prol dos conteúdos que tinha de leccionar, posicionar-me e circular correctamente pelo espaço de aula, basicamente, aprendi as bases para conduzir correctamente as aulas e a moldar a minha intervenção em função dos resultados que ia obtendo com as estratégias de controlo.

As actividades desenvolvidas durante os processos avaliativos foram também fonte de várias aprendizagens, essencialmente a nível das metodologias a utilizar nos diferentes momentos avaliativos. Os conhecimentos adquiridos no 1º ano do mestrado, na unidade curricular de Avaliação Pedagógica em Educação Física suportaram algumas

decisões na elaboração dos instrumentos, contudo, a observação e recolha de dados numa aula prática de avaliação era uma nova realidade. As aulas de avaliação pressupõem um elevado domínio dos conteúdos por parte do professor e uma capacidade de observação discriminatória que possibilite a recolha de informações mais pertinentes e o registo rápido destas numa estrutura simples e clara, contudo, outros factores são essenciais para avaliar. Com os ensinamentos do orientador de escola, complementei estes conhecimentos teóricos com aprendizagens práticas relativas à definição de tarefas critério, o meu posicionamento durante o desempenho dos alunos nestas, a informação que importava recolher destes desempenhos e que conclusão poderia retirar da análise dos dados das avaliações. Com o desenvolvimento do Estágio Pedagógico, os processos avaliativos que fui realizando melhoraram na sua qualidade, graças ao que aprendi e ao conhecimento que tive oportunidade de consolidar.

O facto de ter um aluno com necessidades educativas especiais nas aulas de Educação Física acabou por ser mais uma fonte de aprendizagem ao nível da realização e avaliação das actividades, isto porque aumentou a versatilidade das minhas competências de modo a conseguir responder a todas as necessidades e adequar o processo ensino-aprendizagem às suas limitações.

A organização das actividades no âmbito da unidade curricular Projectos e Parecerias Educativas foi também uma fonte de aprendizagens significativas, essencialmente no plano da gestão e organização de actividades que englobaram um elevado número de participantes e gestão de elementos organizativos. Enquanto núcleo de estágio, conseguimos canalizar as aprendizagens realizadas na organização da primeira actividade para o melhoramento da segunda, na qual conseguimos mobilizar um ainda maior número de participantes sem descurar a organização do evento.

5.2. Compromisso com as Aprendizagens dos Alunos

Ao realizar o Estágio Pedagógico, estava completamente comprometido com a aprendizagem dos alunos. Enquanto professor de Educação Física, era minha obrigação formar e educar os meus alunos, adequando a minha intervenção às suas necessidades. Actualmente, o professor é muito mais que um mero transmissor de conhecimentos para

um determinado conjunto de alunos, este deve ter capacidade de adaptar a sua metodologia e estratégias de intervenção às características de uma turma e das suas individualidades, atingindo a democratização do processo ensino-aprendizagem.

Em todas as opções que tomei e ajustes que defini nas actividades que tive oportunidade de desenvolver enquanto estagiário tentei respeitar ao máximo este compromisso com a aprendizagem dos alunos. Esforcei-me ao máximo para perceber sempre a turma como um conjunto de diferentes personalidades, com interesses distintos e formas de estar díspares. Consciente destes parâmetros, o planeamento das actividades tornava-se mais exigente, pois era minha obrigação respeitar as características de cada um dos alunos e em função destas adaptar as minhas estratégias para conseguir que todos aprendessem e evoluíssem em todas as matérias. Para o fazer, socorri-me da experiência dos outros professores que me rodeavam.

Para conseguir que todos os alunos atingissem os objectivos propostos, percorrendo caminhos adequados às suas capacidades, tive de tomar algumas decisões para as quais não me sentia preparado inicialmente, previa uma grande exigência e complexidade no planeamento das matérias. A melhor forma que encontrei para respeitar o compromisso com a aprendizagem individual de cada aluno foi diferenciar os seus percursos ao longo das matérias e avaliá-los em função das capacidades de cada um. O objectivo passou por reduzir ao máximo a análise comparativa e tomar decisões que contribuíssem para a aprendizagem de todos, respeitando o nível de capacidades que apresentavam na avaliação inicial e a evolução que demonstravam com a progressão nas diferentes matérias.

Com base nestas preocupações, fui ajustando alguns aspectos do meu planeamento e intervenção pedagógica. Ao elaborar um plano de aula, devia estar plenamente consciente das capacidades dos meus alunos e definir tarefas que permitissem desenvolver os conteúdos, respeitando o nível de cada um. Na condução da aula, era muito importante que a minha intervenção fosse também nesse sentido, daí ter modificado gradualmente a minha forma de conduzir as aulas, isto porque numa fase inicial, percebi que o clima não era favorável à aprendizagem. Os alunos menos bem comportados condicionavam a sua aprendizagem e as dos colegas e sentia nesta fase inicial que se não tomasse uma posição definitiva para alterar o contexto a tendência era piorar.

Ao longo do ano lectivo, tive que tomar imensas decisões relativamente às várias actividades que tive oportunidade de desenvolver durante o estágio, em todas essas decisões, o compromisso para com a aprendizagens dos alunos esteve sempre na minha consciência.

5.3. Inovação nas Práticas Pedagógicas

A inovação nas práticas pedagógicas implica mudanças que normalmente reflectem um posicionamento crítico perante as práticas pedagógicas tradicionais. O professor, fazendo parte do corpo docente de uma escola, tem necessariamente de respeitar as ideologias e orientações que a caracterizam. A sua intervenção não se pode dissociar das linhas orientadoras da escola, como tal, importa perceber se o contexto escolar no qual o professor está inserido encoraja ou não a inovação das suas práticas pedagógicas. Independentemente da forma como a escola promove ou não a mudança, o professor tem sempre oportunidade de inculcar alguma originalidade na sua intervenção pedagógica. O facto do contexto escolar no qual o professor se insere preservar as práticas tradicionais não inviabiliza que este possa promover, ainda que de forma menos significativa, alguma inovação e originalidade ao planeamento das suas aulas, à forma como as conduz ou mesmo na produção de documentos que orientam as suas actividades.

No processo inicial de familiarização com a Escola Básica Castro Matoso fui-me apercebendo que a escola não traçava orientações rígidas para as práticas pedagógicas, os professores estariam responsáveis de adaptar as suas metodologias em função dos seus alunos, levando-os a atingir os objectivos propostos respeitando sempre as linhas orientadoras gerais do regulamento interno. A posição do orientador de escola face à inovação das práticas pedagógicas dos estagiários era de promotor destas experiências, nas várias reuniões que tivemos enquanto núcleo de estágio o orientador estimulou sempre a originalidade na nossa intervenção, referindo o Estágio Pedagógico era a melhor etapa da nossa vida profissional para aprender com os erros e experimentar novas formas de planear e realizar as nossas actividades.

O ambiente era claramente propício à inovação nas práticas pedagógicas, como tal, tanto eu como os meus colegas tivemos oportunidade de debater algumas opções que poderiam ser consideradas inovadoras, dando um cunho pessoal à nossa intervenção pedagógica. Considero que o consegui de forma mais significativa no planeamento e realização dos blocos de matérias de cariz mais individual e juntamente com os meus colegas de estágio na concepção dos projectos respeitantes às actividades que desenvolvemos no âmbito da disciplina Projectos e Parcerias Educativas.

A inovação nas intervenções pedagógicas do professor pode ser um promotor da motivação para as aulas de Educação Física. Magill (1984) afirma que “a motivação para aprender pode não estar presente no aluno logo de início (...) a frequência obrigatória nas aulas pode vir a ser uma motivação interna artificial. No entanto, nada impede que ele, ao realizar as actividades, possa desenvolver um desejo interno ou motivação para continuar”. A responsabilidade de estimular essa motivação interna cabe ao professor.

Enquanto professor estagiário de Educação Física, tive oportunidade de trazer algumas novidades na forma como desenvolvi as matérias de Ginástica de Solo e Aparelhos. Na aula de avaliação diagnóstica destas duas matérias tentei aferir junto dos alunos qual as experiências que tinham na forma de desenvolver estas matérias e normalmente faziam-no através da repetição constante dos elementos na sua fase global. Com o intuito de possibilitar novas experiências aos alunos, propus uma forma distinta de abordar estas matérias junto do orientador de escola, que demonstrou abertura. A forma como abordei as Ginástica consistia numa organização em circuito de tarefas progressivas, nas quais os alunos poderiam experimentar as diferentes fases de um determinado elemento, decompondo-o até à sua última etapa, na qual os alunos poderiam realizar a execução global de determinado elemento. Após cada aula, podia concluir que este tipo de organização não só possibilitava ao aluno perceber a importância que cada fase tinha para a correcta execução do movimento como tornava as aulas de Ginástica mais atractivas dada a variabilidade das tarefas. À medida que ganhei mais confiança na turma, fui-lhe concedendo maior autonomia na realização das tarefas e o resultado foi bastante satisfatório. Ambas as modalidades, pelas quais a turma não nutria grande interesse inicialmente, acabaram por ser as matérias nas quais os alunos evoluíram de forma mais significativa, recompensado o esforço com que

preparei as aulas e posteriormente as conduzi. Mesmo nos outros blocos de matérias tentei inculir alguma originalidade na minha intervenção, nomeadamente na definição de tarefas. Na preparação das aulas preocupava-me em definir tarefas que desenvolvessem os conteúdos de forma motivadora e dinâmica. A melhor estratégia que encontrei para o fazer passou por reduzir ao máximo o número de tarefas analíticas, dando predominância às tarefas que se aproximavam das situações de jogo nas matérias de jogos desportivos colectivos. Na abordagem a este tipo de matérias os conteúdos tácticos eram desenvolvidos através de tarefas que interligavam os conteúdos técnicos e táctico.

Julgo que todos nós, elementos do núcleo de estágio, fomos inovadores na forma como estruturámos as reflexões das nossas aulas, isto porque decidimos organizar as nossas reflexões em função de parâmetros que definem a qualidade das nossas intervenções pedagógicas. Ao invés de realizar reflexões por extensão, sem muitas das vezes conseguir atribuir-lhes uma sequência lógica e coerente, optámos por decompor as nossas reflexões por tópicos, que facilitavam a forma como fazíamos a exposição da aula e a análise de quem as poderia consultar.

No que diz respeito a propostas inovadoras no plano do trabalho de grupo, julgo que a organização da nossa segunda actividade, no âmbito da disciplina Projectos e Parcerias Educativas, foi bem esclarecedora quando à nossa capacidade de promover novas experiências e inovar nas nossas actividades. O facto subordinarmos a organização da nossa actividade aos temas da inclusão desportiva e jogos tradicionais portugueses acabou por ter bastante impacto na comunidade escolar. Ambos os temas nunca tinham sido abordados de forma tão dinâmica na Escola Básica Castro Matoso, provocando uma grande adesão de participantes e interessados na actividade. Os métodos de persuasão de participantes para esta segunda actividade também foram bastante inovadores. Para quebrar com a tradicional publicidade ao evento através de cartazes ou distribuição de panfletos informativos, optámos por realizar acções de formação de todos os jogos que iríamos realizar na nossa actividade, dando assim possibilidade aos alunos de experimentar os jogos, conhecer as suas regras e perceber as melhores formas de os jogar. Esta estratégia acabou por ter bastante impacto na aderência à nossa actividade, praticamente toda a comunidade escolar esteve envolvida.

6. Dificuldades e Necessidades de Formação

6.1. Dificuldades Sentidas e Formas de Resolução

O início do ano lectivo, nomeadamente o 1º Período, foi a fase na qual senti maiores dificuldades ao nível do planeamento, realização e avaliação das actividades que tive oportunidade de desenvolver. Nesta etapa inicial, o pouco conhecimento e inexperiências na preparação das actividades fizeram com que cometesse alguns erros e me sentisse bastante inseguro em relação às decisões que tomava.

Apesar da análise bibliográfica que precedeu o arranque das aulas, tinha algumas dificuldades em estruturar os conhecimentos que daí retirava para a elaboração dos vários documentos orientadores das minhas actividades que iria desenvolver. O Plano Anual de Turma e construção dos instrumentos a utilizar nas avaliações foram as tarefas nas quais senti maiores dificuldades no âmbito do planeamento.

Apesar de ser um documento flexível a ajustes posteriores, o Plano Anual de Turma implicava uma primeira proposta de distribuição dos diferentes blocos de matérias pelo ano lectivo. Este planeamento a longo prazo era novidade para mim, cuja experiência nesta área assentava apenas no esporádico de aulas na formação académica posterior, como tal, a preocupação em distribuir de forma lógica os diferentes blocos de matérias aproveitando de forma eficaz o rolamento pelos espaços de Educação Física promoveu muitas incertezas e dificuldades. O rolamento pelos espaços era feito semanalmente, como tal, não era fácil garantir proximidade entre as aulas da mesma matéria e para complicar um pouco mais a situação o planeamento do 1º e 2º Período estava sujeito à invariabilidade das condições climáticas que os caracterizam. A um professor inexperiente como eu, para quem a dinâmica da escola ainda era desconhecida, estas e outras variáveis criavam algumas dificuldades em insegurança nas minhas decisões. Ainda no âmbito do planeamento, a elaboração dos primeiros planos criou algumas dificuldades na organização e apresentação dos seus conteúdos. Nas primeiras planificações de aula que tive oportunidade de fazer, sentia algumas dificuldades racionalizar a informação que continham. Um plano de aula é um projecto flexível que o professor faz de uma aula, contudo, ao concebê-lo o professor tem garantir que se trata de um documento transmissível, o equilíbrio entre estas duas

características do plano de aula dificultavam-me a apresentação das informações, por um lado queria garantir abrangia pormenorizadamente todas as actividades que iria desenvolver na aula, por outro julgava que apresentava demasiada informação pouco pertinente. Com a ajuda do orientador de escola, as experiências e aprendizagens que ia realizando estas dificuldades foram sendo superadas.

A realização das aulas, manifestação prática do planeamento, foi a área na qual senti maiores dificuldades, nomeadamente no controlo disciplinar e organizativo da turma. Nos primeiros contactos que tive com a directora da turma que me foi atribuída tive oportunidade de conhecer antecipadamente e em traços gerais as características dos alunos com os quais iria lidar durante o ano lectivo. Nas primeiras aulas percebi logo que a condução e controlo das aulas ia ser a tarefa mais exigente que iria desenvolver no estágio pedagógico pois a turma apresentava um comportamento muito pouco satisfatório e a minha inexperiência não podia ser de forma alguma justificação para me conformar com o arrastar da situação ou resolvê-la de ânimo leve. Tentando-me inteirar da postura e atitude da generalidade nas aulas de Educação Física, adoptei uma posição mais observadora do que interventiva que resultou num mais tardio controlo da turma. Nas reflexões assentes nas primeiras aulas que o núcleo de estágio fazia, o orientador de escola frequentemente fazia referência à importância de estabelecer o mais cedo possível regras e rotinas com que os estagiários pretendiam caracterizar as suas aulas, impondo-as criando um ascendente sobre os alunos.

A minha própria personalidade criou algumas dificuldades na adopção de estratégias mais rígidas para controlar a turma, o espírito apaziguador e relaxado que me caracterizam torna difícil uma mudança radical quando iniciava uma aula, tinha algumas dificuldades em tornar-me mais ativo e rigoroso no controlo disciplinar da turma mas a tendência assim o exigia. No início do 2º Período, ao sentir que o esforço do meu planeamento não era recompensado na realização, decidi adoptar estratégias de controlo mais rigorosas e agir, sabendo de antemão que se não tomasse as rédeas logo nesta fase inicial do 2º Período nunca mais as tomaria. A mudança na minha intervenção foi gradual e causou alguns conflitos iniciais pois os alunos, apesar de lhes ter transmitido a razão destas mudanças, não estavam habituados a esta nova postura mais rigorosa.

Esta mudança acabou por trazer resultados positivos para o clima nas aulas de Educação Física, terminei o Estágio Pedagógico sem conseguir o controlo absoluto da

minha turma e extinguir por completo os comportamentos desviantes, contudo, o comportamento desta melhorou significativamente ao longo do ano lectivo, os comportamentos desviantes persistiram mas a sua frequência e gravidade reduziram substancialmente.

Ainda no âmbito da realização, as matérias de Ginástica de Solo e Ginástica de Aparelhos eram aquelas na qual me sentia menos à-vontade, devido ao facto de ser mais reduzido o domínio que tinha dos seus conteúdos. Foi com o intuito de afastar estas dificuldades, que muito antes de iniciar a abordagem a estas matérias, me inteirei dos seus conteúdos e pesquisei algumas propostas de realização das aulas de Ginástica. Com o aproximar do início destas matérias fui-me sentindo cada vez menos nervoso e mais preparado, pois tive a possibilidade de observar aulas de Ginástica dos meus colegas do núcleo de estágio que iniciaram as matérias antes de mim e daí retirar alguns ensinamentos e conclusões. Curiosamente, com a progressão na Ginástica de Solo e Ginástica de Aparelhos, fui desenvolvendo o gosto e interesse pelas matérias e a julgar pelos resultados positivos que os meus alunos obtiveram em ambas posso afirmar que também cresceu o interesse deles pela Ginástica.

No que diz respeito às actividades desenvolvidas no âmbito da avaliação, a construção dos seus instrumentos foi o processo que me criou mais dificuldades, apesar de ter sido uma tarefa na qual predominou o trabalho de cooperação com os restantes elementos do núcleo de estágio. A principal preocupação aquando a elaboração destes instrumentos era garantir que o processo de recolha de informação era simples, rápido e preciso, contudo, a simultaneidade de observar e registar desempenhos era uma novidade. Nunca antes tinha experimentado avaliar numa situação prática real, o que levantava algumas incertezas quanto à eficácia dos nossos instrumentos de avaliação, pelo que as nossas primeiras propostas não se afiguravam muito viáveis. Ao debater a concepção destes instrumentos com o orientador, este transmitiu-nos algumas sugestões, assentes na experiência que tinha na área, pelo que conseguimos superar as dificuldades e apresentar ao orientador instrumentos de avaliação cuja viabilidade reunia unanimidade dentro do núcleo e aceitação por parte do seu orientador.

6.2.Dificuldades a Resolver no Futuro ou Formação Contínua

Qualquer bom profissional é consciente de que a aprendizagem é um processo que o acompanhará durante toda a vida, nunca ninguém saberá tudo sobre algo mas a ambição de aprender mais está ao alcance de qualquer um. Diz o célebre ditado que o saber não ocupa lugar, como tal, as possibilidades são infinitas.

Concluído o Estágio Pedagógico e a minha formação inicial na área das Ciências da Educação Física, importa assegurar a continuidade das minhas aprendizagens através da formação contínua que acompanhará a minha futura carreira enquanto professor da área. O Decreto-Lei n.º 249/92, de 9 de Novembro, do Regime Jurídico da Formação Contínua de Professores estabelece como alguns dos objectivos fundamentais da formação contínua a melhoria da qualidade do ensino e das aprendizagens, através da permanente actualização e aprofundamento de conhecimentos, nas vertentes teórica e prática, o aperfeiçoamento das competências profissionais dos docentes nos vários domínios da actividade educativa e o incentivo à autoformação, à prática da investigação e à inovação educacional, entre outros objectivos. É com o intuito de aprender e evoluir que atribuo a mesma orientação nos objectivos da minha formação, daí assumir a importância da formação contínua como complemento à formação inicial

A formação contínua que pretendo realizar após esta etapa surgirá como resposta às dificuldades que senti no desenvolvimento das actividades do Estágio Pedagógico. Como acima refiro, as principais dificuldades que senti relacionaram-se com a realização da minha intervenção pedagógica, nomeadamente na área do controlo disciplinar e organizacional das aulas.

Apesar de ter conseguido superar algumas dificuldades na forma como conduzia inicialmente as minhas aulas, ainda tenho muito a aprender nesta área para no futuro começar com maior antecedência a garantir o controlo das minhas turmas. Pretendo complementar as aprendizagens que recolhi na prossecução do Estágio Pedagógico com formação contínua nesta e outras áreas. A perspectiva passa diversificar o meu conhecimento no que diz respeito à variabilidade de metodologias de controlo disciplinar e organizacionais existentes, com vista a respeitar o compromisso com as aprendizagens dos meus alunos, proporcionando-lhes nas aulas de Educação Física um clima favorável à aprendizagem.

A inovação nas práticas pedagógicas será também uma área para a qual quero canalizar a minha formação contínua, apesar de meter preocupado em introduzir alguma originalidade na minha intervenção pedagógica, considero bastante importante desenvolver o meu conhecimento nesta área. Ter conhecimento das mais variadas propostas inovadoras para as formas de leccionar é uma base muito importante para adaptar as minhas estratégias às diferentes turmas com que espero lidar num futuro próximo. A formação contínua nesta área permitir-me-á estar actualizado acerca das novidades no âmbito da pedagogia e abarcar um maior número de opções que poderei tomar em relação à minha intervenção pedagógica. A exploração desta área poderá também desenvolver as minhas competências relacionadas com o controlo da turma.

No âmbito dos processos avaliativos, considero bastante importante desenvolver o meu conhecimento na área, isto porque a avaliação era um campo no qual me senti muito pouco à-vontade no início do estágio pois a inexperiência era evidente. Na definição das metodologias a adoptar e instrumentos a utilizar na avaliação das aprendizagens senti pouca segurança nas minhas opções e julgo que é uma área na qual ainda tenho muito que aprender e será uma das preocupações que terei no processo contínuo da minha formação enquanto professor de Educação Física.

Ainda no plano da realização, ligada à inovação das práticas pedagógicas, pretendo orientar a minha formação para o planeamento de multimatérias. Apesar de não ter experimentando leccionar multimatérias de forma muito demarcada, a abordagem feita pelo orientador acerca das multimatérias fez com que reflectisse acerca do tema e despoletasse interesse pelo mesmo. Planear uma aula de multimatérias era algo para o qual não me sentia minimamente preparado, isto porque a minha inexperiência e escasso conhecimento na área inviabilizariam a qualidade da aula, contudo, na fase final do Estágio Pedagógico, nomeadamente na abordagem ao Atletismo, experimentei planear duas tarefas simultâneas, numa delas desenvolvi um conteúdo de Atletismo e noutra os alunos poderiam jogar um jogo tradicional português. Optei por experimentar fazê-lo pois a confiança que tinha na minha intervenção já era significativamente maior e o conhecimento dos alunos também, ao que ajudou o facto do controlo da turma ter melhorado significativamente. Esta decisão foi tomada com o conhecimento prévio do orientador e acabou por se revelar uma experiência positiva que

aguçou ainda mais o meu interesse pela área e a vontade de nela desenvolver competências e conhecimentos.

A consolidação do conceito de inclusão nas nossas escolas implica a preparação dos professores nesta área. Ter oportunidade de ser professor de um aluno com necessidades educativas especiais cujas limitações não eram muito significativas acabou por ser uma forma suave de me elucidar quanto à importância da formação dos professores nesta área. O professor para conseguir respeitar as individualidades de cada um dos alunos tem necessariamente de estar preparado para lidar com as limitações de cada um e os alunos com necessidades educativas especiais normalmente apresentam maiores limitações e mais díspares. Para me sentir preparado para enfrentar esta realidade com confiança, pretendo orientar a minha formação contínua também para esta área.

O conjunto de propostas que apresentei a respeito dos problemas que pretendo resolver no futuro e para onde quero orientar a minha formação contínua não inviabilizam de modo algum o mesmo tipo de formação noutras áreas. Com a progressão do Estágio Pedagógico tive oportunidade de superar muitas dificuldades e evoluir enquanto professor, contudo, estou ainda longe das qualidades e competências que auguro. Com a diversificação na formação constante que pretendo realizar espero tornar-me um bom profissional, atento e actualizado, com sentido crítico apurado.

7.Ética Profissional

7.1.Capacidade de Iniciativa e Responsabilidade

Todos nós, estagiários que compuseram o Núcleo de Estágio de Educação Física da Escola Básica Castro Matoso, já nos conhecíamos anteriormente a esta etapa. Durante a nossa formação académica que precedeu o Estágio Pedagógico já tínhamos tido oportunidade de trabalhar juntos e criados alguns laços de proximidade. O conhecimento prévio dos meus colegas fez com que me sentisse plenamente à vontade para tomar iniciativas e assumir posições no trabalho que desenvolvíamos em grupo.

As decisões que tomávamos enquanto núcleo de estágio reuniam sempre a unanimidade de todos os seus elementos, esta organização democrática do núcleo pautava-se pela flexibilidade e abertura às opiniões de cada um, assim, nenhum de nós se sentia condicionado para propor ou tomar alguma iniciativa que definisse as orientações do trabalho de grupo. As metodologias e organização do núcleo de estágio possibilitaram-me dar algumas contribuições e intervir activamente nos processos e reflexões que daí resultavam.

Numa dimensão mais individual da minha intervenção no núcleo de estágio, nunca senti qualquer condicionamento em relação às iniciativas que tomava, aliás, muitas das iniciativas que tive oportunidade de tomar eram estimuladas pelo orientador de escola e pelos meus colegas do núcleo de estágio. Decidi adoptar uma posição proactiva durante o estágio com o intuito de marcar a minha presença na escola e acentuar importância que esta experiência teria para mim no plano pessoal e profissional.

À medida que o ano lectivo foi avançando, sentia cada vez mais confiança na minha intervenção o que me deixava mais à-vontade para tomar algumas iniciativas, nomeadamente nos ajustes que sentia que devia promover nalgumas actividades que desenvolvi. Estive sempre consciente da qualidade com que se desenrolavam estas actividades e sempre que considerei pertinente alterar algumas estratégias da minha intervenção assumi as responsabilidades. Uma das iniciativas que tive oportunidade de tomar e que considero a mais significativa foi a de propor uma forma diferente de abordar as matérias de Ginástica de Solo e Ginástica de Aparelhos. Suportando-me

nalgumas pesquisas que tinha feito na área decidi expor as minhas ideias ao orientador de escola e meus colegas de estágio que viram potencialidades nesta forma de abordar as Ginásticas. As dificuldades que senti inicialmente no controlo da turma também promoveram algumas iniciativas da minha parte, nomeadamente na adopção de novas estratégias propostas pelo orientador de escola.

No que diz respeito às actividades desenvolvidas no âmbito da unidade curricular Projectos e Parcerias Educativas, enquanto núcleo de estágio, tivemos oportunidade de tomar algumas iniciativas que se revelaram bastante eficazes e inovadoras, nomeadamente na organização da segunda actividade, cujo tema e organização resultaram da alienação das propostas mais assertivas que cada um dos elementos do núcleo de estágio fazia.

À capacidade que cada um de nós tem de tomar uma iniciativa, enquanto professor, está associado o compromisso com a aprendizagem dos nossos alunos, como tal, o professor deve estar preparado para assumir as responsabilidades das iniciativas que toma. As iniciativas que tive oportunidade de tomar individualmente e enquanto elemento integrante do núcleo de estágio ampliavam a minha exposição e responsabilidade. A exposição das minhas ideias para outros professores que não os meus colegas do núcleo foram um pouco difícil no início do estágio, isto porque não tinha grande confiança nas minhas capacidades e receava cometer erros que prejudicassem o juízo que poderiam fazer das minhas competências. Só quando senti que o ambiente era propício e comecei a ganhar mais confiança em mim me senti à vontade para expor as minhas perspectivas, tomar iniciativas e assumir as responsabilidades que estas acarretavam.

As capacidades de iniciativa e responsabilidade no trabalho colectivo e individual foram-se assim desenvolvendo com o avançar do estágio pedagógico, contudo, não eram de todo condicionadas no seu início pois contribuía activamente nas decisões do núcleo de estágio.

7.2.Importância do trabalho de grupo e individual

As tarefas inerentes à realização do Estágio Pedagógico impuseram um trabalho sistemático e exigente ao longo de todo o ano lectivo, tarefas das quais este relatório faz parte e assume papel conclusivo. Esta foi uma oportunidade de desenvolver competências no âmbito da organização e selecção de metodologias de trabalho individual e colectivo.

Uma das principais linhas orientadoras pela qual regí o meu trabalho individual foi esforçar-me ao máximo para garantir a actualização constante dos meus documentos e reflexões. A gestão das tarefas que devia cumprir tornou-se mais fácil distribuindo-as de forma equilibrada pelo estágio. Ao adoptar esta metodologia, as tarefas que desenvolvi no plano individual não se acumulavam e a sua realização acompanhava acompanhar o desenvolvimento das actividades, garantindo as bases da sua realização e uma reflexão com maior brevidade. Apesar de distribuir o trabalho individual de forma equilibrada, a intensidade deste tipo de trabalho não era constante. O início dos períodos e a aproximação do fim dos mesmos aumentavam a intensidade do trabalho individual. A preparação que precedia o arranque de um novo período exigia um acréscimo de actividades relacionadas com o planeamento, enquanto no final de cada período acrescia às tarefas comuns a atribuição de níveis aos alunos e reflexões globais quanto aos resultados obtidos e eficácia das minhas estratégias.

O trabalho de grupo foi muito importante na preparação do ano lectivo, as semanas que precederam o início do ano lectivo foram caracterizadas por um intenso trabalho de grupo por parte do núcleo de estágio. A intensidade do trabalho de grupo foi constante ao longo do 1º Período, nas primeiras aulas a nossa aproximação permitia-nos sentir mais confortáveis para lidar com esta nova experiência e trocar impressões acerca de erros cometidos e opções eficazes que cada um tomava no início das suas intervenções pedagógicas. A organização da primeira actividade no âmbito da unidade curricular Projectos e Parcerias Educativas no final do 1º Período exigiu também um antecedente e exigente trabalho de grupo preparatório. No âmbito da mesma unidade curricular, a mesma tarefa foi-nos atribuída com aumento das exigências, pois a experiência que tínhamos tido na organização da primeira actividade aumentava as responsabilidades para a segunda. Para ambas o trabalho de grupo foi de extrema

importância e foi graças a ele que as actividades foram um sucesso com repercussões na comunidade escolar. Apesar de ter sido uma tarefa predominantemente individual, o trabalho de grupo também foi determinante para a elaboração do Dossier de Estágio, pois alguns conteúdos do documento eram comuns a todos os elementos do núcleo de estágio e com o intuito de lhes atribuir uma marca colectiva eram desenvolvidos colectivamente.

Durante o Estágio Pedagógico, o trabalho de individual foi mais constante e sistemática que o trabalho realizado em, ainda assim, ambos foram bastante importantes para superar as diferentes tarefas e desenvolver competências de cooperação e organização. Importa acrescentar que durante o estágio pedagógico nenhuma das tarefas que individualmente se dissociou por completo do trabalho de grupo, isto porque sempre que tinha oportunidade pedia uma opinião dos meus colegas ou do orientador de escola, no sentido de recolher algumas ideias que poderiam melhorar os meus documentos e reflexões, aproveitando as potencialidades no sentido de flexibilizar a minha perspectiva e apurar o sentido crítico e reflexivo.

A nossa metodologia e dinâmica de trabalho enquanto núcleo de estágio foram muito importantes para conseguirmos realizar adequadamente todas as tarefas impostas, julgo que o facto de já nos conhecermos anteriormente ao estágio facilitou bastante o estabelecimento das rotinas de trabalho. Na realização das tarefas de trabalho de grupo sempre houve um sentimento de respeito mútuo entre os elementos do núcleo de estágio e uma abertura às iniciativas e propostas de cada um. Estas e outras qualidades do nosso trabalho estreitaram as nossas relações e hoje os meus colegas do núcleo de estágio são meus amigos.

8. Questões Dilemáticas

8.1.A Escola e a Sociedade

É consensual a perspectiva de que a escola deve deixar de ser vista como um mundo isolado do meio em que se insere. A escola assume-se cada vez mais como uma instituição de sustento à nossa sociedade, que lhe exige a formação de cidadãos capazes de se inserirem na comunidade. Para o conseguir, é inevitável que também a escola se inserida na comunidade e se adapte ao tecido social que a envolve.

Moldando-se às necessidades e anseios da comunidade, a escola deve garantir a instrução e formação dos adolescentes e jovens que a frequentam, assumindo-se também como núcleo difusor de valores que nos tempos actuais parecem desvanecer-se. Os valores entre gerações são cada vez mais díspares e o papel da escola e dos seus professores carece de uma séria reflexão que se abstraia das estatísticas e demagogia política, para a qual devem ser chamados à responsabilidade todos os intervenientes no processo educativo dos nossos jovens.

Durante o Estágio Pedagógico tive oportunidade de perceber que algo está a falhar na transferência de valores para os alunos. Valores como o respeito, solidariedade, disciplina e consciência cívica, entre outros, estão a desaparecer entre os nossos alunos e o facilitismo que começa a caracterizar o nosso ensino parece estar a agravar a situação. A minha curta experiência talvez não me garanta legitimidade suficiente para retirar tais conclusões mas durante algumas das aulas que tive oportunidade de leccionar facilmente constatei estes factos.

As famílias como grupo primário da educação dos nossos alunos também devem assumir as suas responsabilidades e esforçarem-se por partilhar os valores que a escola do seu tempo lhes transmitiu.

Não havendo um ponto de viragem, perpetuar-se-á um ciclo que em nada irá favorecer a nossa sociedade. Não passando os valores de uma sociedade digna dificilmente a escola desenvolverá competências nos alunos e estes serão os pais e mães das próximas gerações.

8.2.O Professor Gestor

Tal como a escola tem vindo a adaptar-se à sociedade, também o papel do professor tem sofrido alterações relevantes em função das exigências sociais. Para além de ser um gestor da sua intervenção pedagógica, acumula funções na gestão de relações pessoais, conflitos, tarefas interagindo com os vários elementos da comunidade escolar.

Enquanto professor estagiário, a intensidade e exigência das minhas tarefas era menor quando comparadas com as desenvolvidas pelos outros professores com os quais tinha maior proximidade. A percepção que tive destas exigências foi bastante clara durante acompanhamento que tive oportunidade de fazer à directora de turma, no âmbito da unidade curricular Organização e Gestão Escolar. Através da assessoria, tive possibilidade de contactar directamente com a exigência e variabilidade das tarefas que a directora de turma e professora tinha de cumprir. Só a enorme capacidade de gestão que a caracterizavam lhe permitia responder a todas as necessidades com qualidade.

Obviamente que com a minha inexperiência e longo percurso de aprendizagem para trilhar sinto algum nervosismo quando projecto o meu futuro profissional e me coloco no papel de professor gestor pois considero que ainda não tenho as competências para o atingir, contudo, julgo que este acumular de funções em nada favorece o ensino dos nossos alunos e a realização pessoal e profissional dos nossos professores. Se o professor tem cada vez menos disponibilidade para se concentrar na sua intervenção pedagógica, como poderá inová-la e adequá-la se pouco tempo lhe resta para o fazer.

8.3.Dos Programas ao Planeamento

Os Programas são, em termos gerais, uma orientação ao planeamento do professor e indicam os requisitos que instituem um “tronco comum da cultura de uma sociedade” em função das suas necessidades de formação e desenvolvimento cultural. Segundo Bento (2003) e Zabalza (1994), “os programas podem ser entendidos como um documento oficial de carácter nacional, constituído por um conjunto de prescrições oficiais, ao nível de conteúdos e objectivos, emanados do poder centra”. Contudo, os programas devem ser complementados com outros documentos que ajudem o professor

a ajustam as suas exigências centrais às condições específicas do contexto onde lecciona.

O planeamento é um destes documentos e pode ser entendido como o elo de adaptação dos programas à sua manifestação prática adequada às características específicas de determinado contexto de ensino. Segundo Bento (2003),” (...) não podendo contemplar cada turma nas suas previsões, torna-se fundamental ligar o “programaticamente necessário e exigido” com o “subjectivamente possível” de modo a que as exigências estejam em consonância com o programa e fomentem o desenvolvimento dos alunos”.

O professor, que define o planeamento de actividades que pretende desenvolver com a sua turma, deve ser um profundo conhecer destes programas, das propostas curriculares e dos mecanismos facilitadores de aprendizagem que desenvolvam o currículo de cada um dos seus alunos.

A elaboração do planeamento foi uma das tarefas que me impôs mais dificuldades pois apesar de ter contactos prévios com os programas nacionais de educação física, o conhecimento destes não era muito profundo e o domínio que tinha destes não era sólido o suficiente para me sentir esclarecido acerca de todos os parâmetros de qualidade da preparação do ano lectivo.

O planeamento destas actividades pressuponha a definição dos momentos avaliativos com o intuito de aferir a evolução dos alunos e a eficácia das minhas opções estratégicas. Apesar de os programas estabelecerem bases para os diferentes tipos de avaliação, a minha inexperiência enquanto estagiário promoveu algumas inseguranças, nomeadamente na definição de instrumentos a utilizar durante os processos avaliativos e a sua distribuição na progressão dos blocos de matérias. Esta foi a área na qual me senti menos preparado e para a qual foi decisiva a ajuda do orientador de escola da escola e a pesquisa bibliográfica feita com o âmbito de desenvolver os conhecimentos que já acumulava da unidade curricular de Avaliação Pedagógica em Educação Física. Contudo, a experimentação prática dos diferentes processos avaliativos durante a formação académica que precedeu o Estágio Pedagógico teria sido muito importante a dissipação de algumas inseguranças na fase inicial do estágio.

9. Conclusões da Formação Inicial

9.1. Impacto do Estágio na Realidade do Contexto Escolar

O Estágio Pedagógico, para além de ter bastante impacto no desenvolvimento profissional de cada estagiário, também o tem no contexto escolar. As escolas que têm oportunidade de acolher professores estagiários beneficiam com as novas perspectivas de ensino e metodologias de trabalho que estes trazem da sua formação académica mais recente. Esta diferença acaba por ser benéfica para todas as partes, os professores do corpo docente da escola têm oportunidade de observar novos ideais e conceitos, recolhendo novas opções que considerem pertinentes para a adequação da sua intervenção pedagógica, os estagiários, obviamente, aprendem imenso com a experiência dos professores da casa, podendo aproveitar todos os ensinamentos que estes têm para oferecer, resultado de vários anos a leccionar. A partilha de conhecimentos favorece o desenvolvimento de todos os professores e estagiários, esta simbiose repercute-se na qualidade do corpo docente de uma escola e os principais beneficiados são os seus alunos.

A familiarização dos alunos com o corpo docente de uma escola poderá ser um factor de estabilização do clima escolar, conhecendo-se mutuamente, ambas as partes se moldam para tornar mais eficaz o processo ensino-aprendizagem. Apesar destes benefícios, a novidade também traz os seus pontos positivos. A presença de professores estagiários poderá servir também como factor motivacional para a aprendizagem dos alunos. Normalmente, a diferença de idades dos professores estagiários para os seus alunos é menor, o que poderá resultar numa identificação mais próxima com o professor e este perceba melhor os interesses dos alunos. Com o objectivo de inovar e promover alguma originalidade nas suas aulas, os professores estagiários organizam-nas ou conduzem-nas de uma forma que os alunos não estão habituados e que poderá melhorar a eficácia do processo ensino-aprendizagem.

Ao acolher professores estagiários, a escola pretende recolher dividendos desta disponibilidade que extravasem as actividades desenvolvidas com as suas turmas, esperando que os estagiários promovam actividades apelativas e originais que envolvam a comunidade escolar. Enquanto núcleo de estágio, foi-nos dada essa possibilidade com

a realização de dois eventos, no âmbito da unidade curricular Projectos e Parcerias Educativas, que tiveram impacto no contexto escolar, nomeadamente o segundo evento. Os temas que abordamos e as actividades que definimos para os desenvolver persuadiram bastantes participantes e alunos voluntários que colaboraram na organização. O impacto que este evento teve na escola foi notório no dia da sua realização e os feedbacks que recebemos da comunidade nas semanas seguintes indicaram que o sucesso do evento teve as suas repercussões.

9.2.Prática Pedagógica Supervisionada

Apesar da minha intervenção pedagógica ter sido autónoma, a inexperiência enquanto professor de Educação Física exigia a orientação e supervisão das actividades desenvolvidas. Inicialmente, a observação das minhas aulas por parte do orientador de escola eram um misto de segurança e desconforto. A sua presença inspirava alguma confiança pois sentia que estava ali um apoio que me ajudaria a ultrapassar as dificuldades e a superar qualquer situação mais complicada, por outro lado, o desconforto resultava da pressão que eu próprio criava para não defraudar as expectativas do orientador de escola, sentia um receio constante de cometer erros crassos que indicassem estar muito longe de poder leccionar. Com o desenvolvimento do ano lectivo, o desconforto inicial deixou de existir à medida que fui ganhando confiança nas minhas capacidades, que o orientador de escola ajudou a desenvolver. A prática supervisionada passou a ser um motivante pois agora sentia-me bem ao mostrar que gradualmente melhorava a minha intervenção pedagógica e que fazia uso dos ensinamentos do orientador de escola. Apesar de menos constante, a supervisão e orientação do orientador da faculdade despertavam os mesmos sentimentos, ainda assim, eram uma oportunidade única de aprender mais um pouco e obter outra perspectiva da minha aula, visto a observação do orientador da faculdade ser menos contínuo e por isso se focar essencialmente nos resultados da minha intervenção numa determinada aula.

A observação de aulas dos outros elementos do núcleo de estágio e do orientador de escola eram também uma forma de assumir o papel de observador da prática pedagógica. A observação de aulas era mais uma forma de aprender e evoluir enquanto

professor, nestas experiências tinha oportunidade de recolher algumas informações acerca da realização das aulas e conhecer novas opções de organização e condução das mesmas. Quando um dos meus colegas iniciava uma matéria antes de eu o fazer com a minha turma, possibilitava-me observar a eficácia de determinadas estratégias, os benefícios que estas traziam para a aula ou as dificuldades que os meus colegas sentiam para as aplicar. Apesar de todas as turmas serem diferentes, em certos pontos estas opções tocavam-se e eu poderia retirar algumas conclusões destas observações, para além de aprimorar o meu sentido crítico e reflexivo.

Observar as aulas do orientador de escola era também uma oportunidade para aprender com a manifestação prática dos ensinamentos que nos fazia passar. A sua experiência e domínio dos conteúdos garantiam a qualidade da sua prática pedagógica, enquanto observador, poderia registar a assertividade e pertinência das suas tarefas e forma como conduzia as aulas, canalizando essa informação para o desenvolvimento da minha intervenção pedagógica.

A prática pedagógica supervisionada foi essencial para a superação das dificuldades que senti durante o ano lectivo e uma plataforma de aprendizagens bastante importante. Esta prática permitia debater com os meus colegas e orientadores as minhas decisões e trocar reflexões com estes no âmbito de evoluir e tornar mais eficaz o meu processo de ensino-aprendizagem.

9.3.Experiência Pessoal e Profissional

O Estágio Pedagógico concluiu a minha formação inicial na Área das Ciências da Educação Física e foi uma oportunidade única para manifestar, em contexto real, aquilo que aprendi durante a minha formação académica e desenvolver novas aprendizagens nas diferentes dimensões do estágio. O contacto com esta realidade e com as pessoas que fizeram parte dela fizeram com que evoluísse também no plano pessoal.

Fazendo uma análise retrospectiva desta experiência, apercebo-me das grandes transformações que fui sofrendo com a progressão no estágio. O que começou por ser uma fase da minha vida para a qual me sentia inseguro tornou-se numa experiência

inesquecível e bastante enriquecedora. As várias actividades que tive oportunidade de desenvolver, decisões que tive de tomar e as dificuldades que senti durante o Estágio Pedagógico acabaram por ser alguns dos promotores da minha evolução. A superação destas exigências teve um enorme contributo dos meus colegas do núcleo de estágio, do orientador da escola e de outros intervenientes fundamentais nesta etapa da minha formação, graças a eles, tive oportunidade de partilhar ideias e esclarecer dúvidas foram surgindo com o decorrer do ano lectivo. Esforcei-me por adoptar uma atitude e ética profissional dignas de corresponder à disponibilidade de todos para me apoiar e a minha própria disposição para aprender e ouvir os meus colegas também foi importante para o meu desenvolvimento profissional. Com toda a certeza afirmo que ainda tenho muito que aprender e evoluir, contudo, hoje sinto-me melhor preparado para enfrentar a realidade que é ser professor e quando comparo as minhas competências actuais com as da fase inicial do estágio logo me apercebo das positivas diferenças.

No plano pessoal, esta experiência teve um impacto similar em mim. Amadureci bastante com as responsabilidades inerentes ao Estágio Pedagógico e mudei alguns traços da minha personalidade. Hoje considero-me uma pessoa mais proactiva, dinâmica e persistente, que não cede perante as dificuldades e as transforma em motivação. Nos anos de formação que precederam o Estágio Pedagógico, nunca encarava muito bem os trabalhos em grupo pois sempre existiam algumas dificuldades para adoptar uma organização e dinâmica de trabalho disciplinada, onde o consenso não reinava. No núcleo de estágio que constitui com os meus colegas, tudo foi diferente, desde muito cedo se estabeleceram as regras e rotinas de trabalho, potenciando as nossas capacidades e orientando-as para objectivos e interesses comuns. A pertença a este grupo fez com que minha perspectiva sobre os trabalhos de grupo se modificasse e aumentasse a minha disponibilidade para o trabalho cooperativo. A organização do nosso núcleo fez com expressasse as minhas ideias e reflexões com maior frequência, pois sabia de antemão que todas as opiniões contavam na busca da unanimidade.

A intensidade com que vivi esta experiência torna um pouco difícil expressar claramente o impacto que teve em mim, as diversas repercussões no plano profissional e pessoal, contudo, estou plenamente consciente que foi uma experiência bastante enriquecedora e uma óptima “rampa de lançamento” para a realidade com que me irei deparar num futuro que espero estar próximo.

10.Referências

10.1.Bibliográficas

ABRANTES, P e ARAÚJO, F. (Coord.) (2002). *Avaliação das Aprendizagens. Das concepções às práticas*. Lisboa: Ministério da Educação. Departamento de Educação Básica.

BENTO, J.O. (1987). *Desporto “Matéria” de Ensino*. Editorial Caminho, SA., Lisboa.

BENTO, J.O. (2003). *Planeamento e Avaliação em Educação Física (3 ed.)*. Lisboa: Livros Horizonte

CARREIRO DA COSTA, F. (1994). *Formação de professores: Objectivos, conteúdos e estratégias*. Colóquio, Educação e Sociedade, 6, 101-133.

MACHADO, F. A. et al (1991) Modelos de planificação. in *Currículo e Desenvolvimento Curricular. Problemas e Perspectivas*. Porto: Edições Asa.

MAGILL, R. A. (1984). *A aprendizagem motora: conceitos e aplicações*. São Paulo: E. Blücher

QUINTELA, M.A. (2011). *Directrizes e normas para apresentação de trabalhos académicos*. Dissertação e teses, Faculdade de Ciências e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal

ROSADO, A., COLAÇO, C. (2002). *Avaliação das Aprendizagens. Fundamentos e aplicações no domínio das actividades físicas*. Omniserviços.

SCHON, D. A. (1987). *Educating the reflective practitioner*. San Francisco.

SIEDENTOP, D. (1983). *Developing teaching skills in Physical Education*. 2 e., Ohio: Mayfield Publish Company, 1983.

SIEDENTOP, D. (1998). *Aprender a enseñar la Educación Física*. Barcelona: Inde.

SOUSA, J. (1991). Pressupostos, *Princípios e Elementos de um Modelo de Planeamento em Educação Física*. Dossier, Revista Horizonte, Vol VIII, nº 46.

ZABALZA, M. (1994). *Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola*. (A. M. Vilar, Trans. 2 ed.). Porto: Edições ASA

10.2.Documentais

Direcção Geral do Ensino Básico (2001). *Programas nacionais de educação física escolar (reajustamento)*. Pág 4 a 34.Ministério de educação, Lisboa.

Projecto Educativo (2009-2013). *A Comunidade na Escola e a Escola na Comunidade*. Agrupamento de Escolas de Oliveirinha

Regulamento Interno da Escola Básica Castro Matoso 2010-2011

Plano Anual de Educação Física da Escola Básica Castro Matoso

10.3.Normativas

Lei 14/86, de 14 de Outubro [Lei de Bases do Sistema Educativo]

Decreto-Lei nº 249/92, de 9 de Novembro [Regime Jurídico da Formação Contínua do Pessoal Docente]

Decreto-lei n. 6/2001, de 18 de Janeiro [revisão curricular do ensino básico]

Decreto-lei n. 209/2002, de 17 de Outubro [alterações à revisão curricular do ensino básico]

Despacho Normativo n. 1/2005, de 5 de Janeiro [Avaliação das aprendizagens]

Decreto-lei n. 3/2008, de 7 de Janeiro [Apoios especializados]

Anexos

Anexo I - Plano Anual (Distribuição de Matérias)

Dia	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho
1										
2			Badminton	Badminton		Mega-Sprinter	Gin A			
3						Voleibol	Gin S Gin A		Atletismo	
4			Badminton		Gin S					
5		Feriado			Gin S			Fitnessgram	Atletismo	
6										
7		Fitnessgram		Gin S			Carnaval	PP2		
8						Gin A				
9			Andebol	Andebol			Voleibol			
10					Voleibol				Atletismo	
11			Andebol							
12		Fitnessgram			Voleibol				Feriado	
13	Recepção alunos				Voleibol					
14	Apresentação	Andebol		Fitnessgram						
15						Gin A	Gin S			
16	A.D. Andebol		Badminton	PP1						
17						Gin S Gin A	Gin S			
18			Badminton		Andebol					
19		Badminton								
20					Andebol					
21	A.D. Atletismo	Badminton								
22						Voleibol	Jogo do Beto			
23	A.D. Badminton		Gin A							
24						Escola Segura	Voleibol			
25			Gin A		Voleibol					
26		Gin S			Andebol			Atletismo		
27										
28	A.D. Voleibol	Gin S						Atletismo		
29							Gin A			
30	A.D. Gin (S) e (A)		Fitnessgram				Gin A			
31							Gin A			

Anexo II - Rolamento de Espaços

ESCOLA BÁSICA CASTRO MATOSO - OLIVEIRINHA 2010/2011																							
Dia	SEGUNDA				TERÇA				QUARTA				QUINTA				SEXTA				Datas		
Espaço	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	Início	Fim	
09:00																					13-Set	17-Set	
09:45																						11-Out	15-Out
10:50																						08-Nov	12-Nov
11:35																						06-Dez	10-Dez
12:25								8º X														17-Jan	21-Jan
13:25																						14-Fev	18-Fev
14:25																						14-Mar	18-Mar
15:10																						26-Abr	29-Abr
16:05																						23-Mai	27-Mai
16:50																						20-Jun	22-Jun
Dia					TER				QUA				QUI				Datas						
Espaço					2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	Início	Fim					
09:00																8º X						20-Set	24-Set
09:45																8º X						18-Out	22-Out
10:50																						15-Nov	19-Nov
11:35																						13-Dez	17-Dez
12:25								8º X														24-Jan	28-Jan
13:25																						21-Fev	25-Fev
14:25																						21-Mar	25-Mar
15:10																						02-Mai	06-Mai
16:05																						30-Mai	03-Jun
16:50																							
Dia					TER				QUA				QUI				Datas						
Espaço					3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	Início	Fim					
09:00																8º X						27-Set	01-Out
09:45																8º X						25-Out	29-Out
10:50																						22-Nov	26-Nov
11:35																						03-Jan	07-Jan
12:25								8º X														31-Jan	04-Fev
13:25																						28-Fev	04-Mar
14:25																						28-Mar	01-Abr
15:10																						09-Mai	13-Mai
16:05																						06-Jun	09-Jun
16:50																							
Dia	SEG				TER				QUA				QUI				Datas						
Espaço	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	Início	Fim					
09:00																8º X						04-Out	08-Out
09:45																8º X						02-Nov	05-Nov
10:50																						29-Nov	03-Dez
11:35																						10-Jan	14-Jan
12:25								8º X														07-Fev	11-Fev
13:25																						10-Mar	11-Mar
14:25																						04-Abr	08-Abr
15:10																						16-Mai	20-Mai
16:05																						13-Jun	17-Jun

Anexo III - Plano de Aula

PLANO DE AULA				
ANO/ TURMA:	DATA:	HORA:	DURAÇÃO:	PERÍODO:
ESPAÇO N.º:	AULA N.º:	AULA DA UD:	DE UM TOTAL DE:	N.º DE ALUNOS PREVISTO:
UNIDADE DIDÁCTICA:	FUNÇÃO DIDÁCTICA:		PROF. ESTAGIÁRIO:	
SUMÁRIO:				
OBJECTIVOS:				
RECURSOS MATERIAIS:				

Tempo		Tarefa/ Situações de Aprendizagem	Estratégias de Organização	Objectivos	Critérios de Êxito
Par.	Acum.				
		Parte Inicial <u>Instrução Inicial:</u> <u>Activação geral:</u>			
		Parte Fundamental <u>Instrução da tarefa</u> Tarefa 1: Objectivo específico:			
		Parte final Retorno à calma Balanço da aula Informação sobre a aula seguinte Arrumação do material Os alunos dispõem dos minutos finais para tomarem banho e se vestirem rapidamente			

Anexo IV – Extensão e Sequência de Conteúdos

EXTENSÃO E SEQUÊNCIA DE CONTEÚDOS												
1º Período												
UNIDADE DIDÁTICA: BADMINTON												
Aula n°:	1e2	3	4e5	6	7e8	9	10e11	12e13				
Data	23/09	19/10	21/10	2/11	4/11	16/11	18/11	2/12				
Conteúdos												
Serviço Curto	AD		IE	E	E	E	E	AF	E	C	T	AS
Clear	AD	IE	E	E	E	E	E	AF	E	C	T	AS
Remate	AD				IE	E	E	AF	E	C	T	AS
Serviço Comprido	AD			E	E	E	E	AF	E	C	T	AS
Lob	AD	IE	E	E	E	E	E	AF	E	C	T	AS
Drive	AD				IE	E	E	AF	E	C	T	AS
Amorti	AD		IE	E	E	E	E	AF	E	C	T	AS

Legenda:

AD	Avaliação Diagnóstica	AF	Avaliação Formativa	AS	Avaliação Sumativa
I	Introdução	E	Exercitação	C	Consolidação
T	Avaliação Teórica				

Anexo V – Grelha de Observação de Aulas

FICHA DE REGISTO DE DADOS DE OBSERVAÇÃO DE AULA						
ESCOLA:		PROFESSOR ESTAGIÁRIO:			OBSERVADOR:	
PROFESSOR ORIENTADOR:		UNIDADE DIDÁCTICA:			DATA:	
Partes da Aula	Categorias	1	2	3	4	Observações
Parte Inicial	Prelecção Inicial	Sem conteúdo pedagógico	Define objectivos <u>ou</u> identifica o contexto	Define objectivos e, identifica o contexto <u>ou</u> apresenta o modelo	Define objectivo e identifica o contexto; Apresenta o modelo	
	Comportamento do Professor	Inicia a aula falando para os alunos que por iniciativa própria ficaram junto do professor	Não tem os alunos todos no seu campo de visão	Tem os alunos todos no seu campo de visão mas nem todos atentos à sua mensagem	Tem os alunos todos no seu campo de visão e atentos à sua mensagem	
Parte Fundamental	Prelecção	Apresenta a tarefa	Apresenta a tarefa correctamente e alguns aspectos inerentes (condições de realização <u>ou</u> componentes críticas) <u>ou</u> critérios de êxito <u>ou</u> objectivo	Apresenta tarefa correctamente e todos os aspectos inerentes (Condições de realização, componentes críticas, critérios de êxito e objectivo)	Apresenta tarefa e condições de realização, componentes críticas, critérios de êxito e objectivo. Questiona compreensão; Reformula informação	
		Discurso audível e claro mas sem conteúdo	Discurso audível, claro, sequente, mas frágil cientificamente	Discurso audível, claro, sequente e cientificamente correcto	Discurso audível, claro, sequente, cientificamente correcto e económico	
	Feedback	Apresenta uma frequência de FB muito baixa e só reforça	Apresenta uma frequência de FB adequada mas não fica pra observar o efeito	Apresenta uma frequência de FB adequada, ficando, na maioria das vezes, a observar, dando novo FB, se necessário	Completa sempre os ciclos de FB	
		Não consegue identificar os erros pelo que não dá FB ou dá errado	Identifica o erro mas tem dificuldade em encontrar o FB apropriado	Identifica o erro, dá FB correcto e no momento certo. Revela preocupação em variá-lo mas ainda não é consistente	Identifica o erro e dá FB correcto e no momento certo. Varia os tipos de FB apropriando-os às situações	
	Demonstração (Total ou Parcial)	Demonstra frequentemente de forma incorrecta ou incompleta	Demonstra correctamente mas apresenta apenas o modelo	Apresenta o modelo correctamente, reforçando as componentes críticas e as condições de realização	Apresenta o modelo a um ritmo lento, reforçando as componentes críticas, e repete-o ao ritmo normal e nas devidas condições de realização	
	Comportamento do Professor	Não revela consciência sobre a sua deslocação e posicionamento	Revela preocupação sobre a deslocação e posicionamento mas não consegue fazê-lo correctamente durante a aula	Desloca-se e posiciona-se correctamente durante toda a aula	Desloca-se e posiciona-se correctamente durante toda a aula. “Varre” a turma com o olhar e intervém à distância.	

Parte de Encerramento	Prelecção Final	Revê conteúdos	Revê conteúdos Questiona compreensão	Revê conteúdos Questiona compreensão Realiza extensão	Revê conteúdos Questiona compreensão Realiza extensão Solicita opinião Motiva para a aula seguinte		
	Comportamento do Professor	Termina de forma precipitada ou sem controlar a turma	Não reúne a totalidade dos alunos ou não os têm todos no seu campo de visão	Reúne todos os alunos no seu campo de visão mas nem todos atentos à mensagem	Reúne todos os alunos no seu campo de visão, mantendo-se todos atentos e participativos		
Partes da Aula	Categorias	1	2	3	4	Observações	
Decurso da Aula	Gestão do Tempo de Aula	Controla o início e o final da aula	Controla o tempo das partes da aula	Controla o tempo das partes e das tarefas de aula	Controlo total dos tempos de aula		
	Clima da aula	Relação Professor-Aluno	Clima negativo: Gritos; frieza; zanga; repreensões constantes; faltas de respeito; etc.	Clima neutro: Indiferença; Ausência de afectividade; Pouca disponibilidade em ouvir os alunos; Pouca receptividade às suas propostas	Clima positivo: Revela carinho e respeito pelos alunos mas não total confiança	Clima relacional professor-aluno totalmente positivo em que a amizade, o respeito e a confiança são totais	
		Relação Aluno-Aluno	Clima negativo: Desentendimentos constantes e incompatibilidade entre grande parte dos alunos da turma	Clima neutro: Indiferença; falta de relacionamento entre colegas dificultando o trabalho de equipa.	Clima positivo: relacionamento na maioria positivo: desentendimentos pontuais e pouco importantes	Clima relacional totalmente positivo entre alunos	
	Disciplina	Aula caótica e/ou com incidentes graves	Incidentes de média importância	Incidentes pouco importantes	Aula sem incidentes		
	Decisões de ajustamento	Percebe a necessidade de ajustar mas não o faz por não saber como	Consegue ajustar em situações muito simples que não exijam grande reflexão ou grandes alterações	Denota capacidade de reflexão no decurso da aula e pertinência nas decisões de ajustamento	Evidencia uma capacidade excepcional de reflectir e ajustar as situações que o leva a tomar sempre as decisões de ajustamento		
	Regras de Segurança	Utiliza instalações ou materiais, que colocam em risco a integridade física do aluno	Utiliza instalações ou materiais de forma imprópria para a prática das modalidades	Utiliza correctamente as instalações e materiais disponíveis	Óptima utilização e rentabilização de espaços e materiais		
		Dispõe materiais, propõe tarefas ou deslocações, de risco	Dispõe materiais, propõe tarefas ou deslocações, impróprias ou inúteis	Preocupa-se com a segurança, podendo apresentar, pontualmente, algum desajuste relativo a uma tarefa, material ou deslocação	Preocupa-se e obedece a todas as regras e segurança		

Anexo VI – Grelha de Avaliação Diagnóstica

Nº	Nomes	Clear			Drive			Lob			Amorti			Remate			Serviço Curto			Serviço Comprido			
		NR	R	RB	NR	R	RB	NR	R	RB	NR	R	RB	NR	R	RB	NR	R	RB	NR	R	RB	
1																							
2																							
3																							
4																							
5																							
6																							
7																							
8																							
9																							
10																							
11																							
12																							
13																							
14																							
15																							
16																							
17																							
18																							

Legenda: NR – Não Realiza

R – Realiza

RB – Realiza Bem

